ISSN Nº 2357-9838

INFORMATIVO ACALA

ACADEMIA ARAPIRAQUENSE DE LETRAS E ARTES – ACALA

XIX ANO – Nº 19 – DEZEMBRO DE 2020

- PROPOSTAS PARA O ENSINO DO TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA PÁG 06
- DIÁLOGO COM O PINCEL PÁG 15
- CORAGEM X MEDO PÁG 28
- A ATUALIDADE DE FREUD E DA PSICANÁLISE PÁG 43

ACADEMIA ARAPIRAQUENSE DE LETRAS E ARTES - ACALA

Presidente: Carla Emanuele Messias de Farias
Editor Responsável: José Edson Cavalcante
Impressão: Editora Performance
Diagramação: Celiana Silva
Capa: Frank Kiliel

DIRETORIA DA ACALA

PRESIDENTE:
Carla Emanuele Messias de Farias
Fone: (82) 99982-6896
e-mail: acalaarapiraca@gmail.com
1º VICE-PRESIDENTE:
Fillipe Manoel Santos Cavalcanti
2º VICE-PRESIDENTE:
Marluce Alves Bispo
1º SECRETÁRIO
José Márcio Rodrigues Martins
2º SECRETÁRIO
José Edson Cavalcante
1º TESOUREIRO:
Mário César Soares da Silva
2º TESOUREIRO:
Cárlisson Borges Tenório Galdino
DIRETOR DE BIBLIOTECA:
Rosendo Correia de Macedo

MEMBROS CORRESPONDENTES

Allan Carlos Monteiro Da Silva
Antônio Carlos Da Conceição
José Carlos Gueta
Marcos Antônio Rodrigues V. Filho
Otávio Maria Da Costa
Sandro Rogério Melros De Oliveira Rios
Ismael Pereira
Hugo Novaes
Lavínia Suely Dorta Galindo
Francisco Bahia Loureiro Júnior
Matusalém Alves

MEMBROS BENEMÉRITOS

Cicero T. Ribeiro
Claudir A. Valeriano
Everaldo Lopes Marinho
Givaldo Isidoro da Silva
Givaldo José da Costa
Gizelda Melo das Neves Silva
José Alexandre dos Santos
José Cicero dos Santos
José Gomes Barbosa Filho
José Julio de Almeida Filho
Maria de Lourdes Correia Silva
José Pereira Mendes Junior
Josivan Vital da Silva
Lenildo Vital da Silva
Marcia Sousa Magalhães
Maria Cleonice Barbosa de Almeida
Paulo César Vital Tenório
Regis Jackson de Almeida Cavalcante
Rita de Cássia Souza Barboza Nunes
Sandro Lima Machado
Yêdda Maria B. Fernandes Magalhães
Rostand Lanverly
Federação de Bandas Musicais e Fanfarras de Alagoas – FEBAMFAL
Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL
OAB subseção Arapiraca

MEMBROS HONORÁRIOS

Almira Gouveia Alves Fernandes
Isvânia Marques da Silva
Ivana Carla de Amorim
José Barbosa Lopes
José E. de Sá
José Guedes Filho
José M. dos Santos
Laurentino Rocha da Veiga
Lisette Oliveira de França
Marcia Sousa Magalhães
Ricardo Nezinho
Léo Saturnino
Júlio Gomes Duarte Neto
Deusgeth Barbosa da Silva
Adjinã Martins
Hector Martins
Lucas Paiva
Augusto Jatobá
Priscila Anacleto
Odilon Máximo de Morais
Anderson de Almeida Barros
Rejane Viana Alves da Silva
Marcos Alexandre da Silva
Isac Candido da Silva
Adriana de Lima Cavalcante
Adenise Costa Acione
Ariane Loudemila Silva de Albuquerque

MEMBROS EFETIVOS DA ACALA E PATRONOS COM AS RESPECTIVAS CADEIRAS

Cadeira	Acadêmico	Patrono
1	Solon Barroso Barreto	José Rodrigues Rezende
2	Sóstenes Ericson Vicente da Silva	Monsenhor Francisco Ferreira Macêdo
3	Manoel Dionízio Neto	Virgílio Maurício
4	Claudio Olímpio dos Santos	Anphilophio Carlazans de Souza Guerra
5	Dionísio B. Leite	Graciliano Ramos
6	Carlindo de Lira Pereira	Lourenço de Almeida
7	Marcus Mausan	Rodolfo Coelho
8	César Soares da Silva	Jorge de Lima
9	Rosendo C. De Macedo	Manoel Firmino Leite
10	Manoel Tenório Sobrinho	Judas Isgorogotas
11	Tony Medeiros	Théo Brandão
12	Antônio Machado Neto	Domingos Rodrigues
13	Cícero Galdino dos Santos	Padre Antônio Lima
14	Girleide Alves de Lima	Francisca Petrina de Macêdo
15	Marluce Alves bispo	Jovino Cavalcante
16	Zezito Guedes	Pedro de França Reis
17		Virgílio Rodrigues da Silva
18	Ronaldo Oliveira	Domingos Correia
19	Judá Fernandes	Breno Accioly
20	Valdemir Ferreira	Serapião Rodrigues de Macêdo
21	Milene de Lima Silva	Olegário Magalhães
22	Fillipe Manoel santos Cavalcanti	Antônio Rocheri
23	Josefa Eliane da Rocha	Guimarães Passos
24	Elias Barboza	Arthur Ramos
25	Jose márcio rodrigues Martins	Lourenço Peixoto
26	Franklin Kiliel	Zaluar Santana
27	Simone B. S. Dantas	Nelson Palmeira
28	Erady M. Senna	Pedro Texeira de Vasconcelos
29	Joyce Vidal	José Maria de Melo
30	Maria Madalena Barros	Jaime de Altavila
31	Rejane Barros	Aloísio Brandão Vilela
32	Jean Rafael Santos Rodrigues	João Batista Pereira da Silva
33	Lucicleide da Silva	Izabel Torres de Oliveira
34	Inez Amorim da Silva	Edler Tenório de Almeida Lins
35	Domingos da F. Sobrinho	Dom Constantino
36	Maria Francisca O. dos Santos	Coracy da Mata Fonseca
37	Cárlisson Borges Tenório Galdino	João Ribeiro Lima
38	Égide Jane de Amorim	Maria de Lourdes de Almeida Barbosa
39	Carla Emanuele Messias de Farias	Padre Geferson de Carvalho
40	José Edson Cavalcante da Silva	Nelson Rodrigues

TÍTULO HONORÍFICO UBIRANICE CRUZ DA HORA LIMA

Coral Villa-Lobos
José Humberto R. Ritir
Magna Cristina de Oliveira
José Olegário Sobrinho
Grupo Teatral Luzes da Ribalta
Judá Fernandes de Lima

COMENDADORES E COMENDADEIRAS DA COMENDA JUDÁ FERNANDES DE LIMA:

Isvânia Marques da Silva
Ronaldo de Oliveira Silva
Antônio Arnaldo Camelo
Maria Petrúcia Dias Camelo
Ricardo Nezinho
Laurentino Rocha de Veiga
Carlindo de Lira Pereira
Oliveiros Nunes Barbosa
Almira Gouveia Alves Fernandes
José Luciano Barbosa da Silva
Marcos Antônio Rodrigues Vasconcelos Filho

EX-PRESIDENTES DA ACADEMIA ARAPIRAQUENSE DE LETRAS E ARTES – ACALA

- Oliveiros Nunes Barbosa – 1987 a 1988 / 1998 a 1999
- Manoel Dionísio Neto – 1988 a 1989
- Carlindo de Lira Pereira – 1990 a 1992
- Elpídio Enoque de Araújo – 1992 a 1993
- Judá Fernandes de Lima – 2001 a 2003
- Cláudio Olímpio dos Santos – 2003 a 2018

ACADEMIA ARAPIRAQUENSE DE LETRAS E ARTES – ACALA

A Academia Arapiraquense de Letras e Artes – ACALA, foi fundada em 14 de junho de 1987, na sua fundação até 09 de maio de 2001 a ACALA era denominada – Academia Arapiraquense de Filosofia Ciências e Letras. Ma s independente de nomenclatura desde 1987 vem disseminando e valorizando a literatura e a cultura da cidade de Arapiraca. A ACALA tem sede na Rua: Eng. Gordilho de Castro, S/N, Centro. Somos uma associação, sem fins lucrativos, e que tem como finalidade principal incentivar, promover e contribuir para o mais amplo desenvolvimento da cultura e da literatura do nosso município. Estamos há 33 anos realizando projetos e ações que contribuem no âmbito educacional, acadêmico, cientifico e cultural!

HINO DA ACALA

ACALA és uma filha
Do saber universal
Das entranhas da memória
De um concerto divinal

Tu és a mãe sapiente
Da força do pensamento
És diretora mestra
De um divino sacramento

Tua função é juntar
Todo filho do saber
És casa familiar

Do amor e do querer
Tu tens a função divina
De promover a cultura
De mandar pro universo
O saber da criatura

És a rosa perfumada
Que emoldura o caminho
És companheira imortal
De essência do carinho

Como ave maviosa
Que ama os filhinhos teus
Tu amparas teus rebentos
Pois és projeção de Deus!

Autoria do Sr. Leniro Medeiros da Silva

LITERATURA DE CORDEL: A IMPORTÂNCIA DA CULTURA POPULAR NA ESCOLA

Carla Emanuele Messias de Farias
Presidente da ACALA

Em todo momento na escola realizamos leitura de muitos gêneros e tipologias textuais, pois esta atividade é inerente ao sujeito social. Todos temos conhecimento deste fato, porém muitos alunos não possuem o habito da leitura e até acham chato e cansativo atividades dessa natureza. Eis um dos grandes desafios dos professores, como tornar a leitura interessante para estes jovens aprendizes?

Em todos os aspectos da educação é importante refletir sobre como suprir a necessidade da prática de leitura de diversos gêneros textuais de forma eficaz? O primeiro passo é a aplicação de práticas pedagógicas que estimulem e incentivem o aluno a terem prazer nas leituras realizadas em diferentes contextos, com o foco em formar leitores competentes ao ponto de influenciar em todas as formações que o constitui como sujeito pensante e social.

Outra forma de inserir esta apropriação com a leitura seria proporcionar aos estudantes acesso a gêneros populares, em especial, o cordel, que é um gênero que representa todos nós, por ser um gênero que expressa a cultura popular e narra a história do povo brasileiro, a reprodução da fala com rima, métrica e poesias, ou seja, é um estilo literário aberto e que mesmo tendo suportes definidos, permite a quem realiza a leitura poder enxergar a pluralidade cultural como representatividade cidadã e fazendo com que o leitor possa enxergar o mundo de possibilidades e ir além da superfície.

O aluno após entender as particularidades da Literatura de cordel, perceberá que ao produzir seu próprio texto ele poderá brincar com as palavras e praticar a sua criatividade. Além de ser uma oportunidade de reflexão sobre a sociedade capitalista que muitas das vezes desvaloriza a cultura popular, o conhecimento e as experiencias do povo. A escola é o próprio celeiro dessa diversidade que muitas das vezes não é valorizada, dessa forma a literatura de cordel trará este mundo entre a realidade e a fantasia, desenvolvendo a imaginação e o potencial criativo de cada aluno para desenvolver na beleza da poesia uma aprendizagem significativa.

A literatura de Cordel é uma opção de muitos outros gêneros que poderíamos trabalhar em sala de aula, contanto que consigamos suprir com um dos principais problemas que é a formação de leitores competentes. Sabemos que a trajetória é árdua em implantar o habito da leitura nos alunos, por isso a sugestão de iniciar com a literatura de cordel, pois desenvolverá a sensibilidade em todos os sentidos e o pensamento crítico.

Diante deste contexto, é importante reforçar que a Literatura de Cordel implantará um caráter humanizador e cumprirá seu papel social trazendo para sala de aula a possibilidade de leituras de temas diversificados, bem como, com o estudo das métricas e rimas, o aluno terá a capacidade de produzir seu próprio cordel e poderá elaborar a capa e todos os detalhes da sua própria produção.

Estes cordéis poéticos que os alunos produzirão poderão serem expostos em varais no pátio da escola ou até mesmo dentro da sala de aula, eles poderão também transformar suas produções em músicas ou em vídeos afim de despertar em toda a comunidade escolar o respeito pela diversidade cultural e o reconhecimento que a cidadania está se fazendo presente através do fazer artístico nestes jovens.

PROPOSTAS PARA O ENSINO DO TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA

Carlindo de Lira Pereira
Membro Efetivo da ACALA

Nesta produção, abordaremos algumas propostas de metodologia para o ensino do texto literário em sala de aula, sem a pretensão de tê-las como modelo e/ou classificá-las como soluções imediatas.

O ensino brasileiro, no nosso caso o de língua(gem) e literatura, continua distanciado da realidade do educando, infelizmente na maioria dos casos, é uma prática pedagógica que insiste em dissociar a língua(gem) literária da vida do aluno, ocorre, geralmente, uma descontextualização.

O texto literário, em muitas situações, vira pretexto, ele é intermediário de muita aprendizagem para estudos que não ele mesmo. O texto, nesse sentido, perde sua riqueza maior a qual seria sua natureza específica.

Se falamos em propostas de ensino não podemos deixar de citar a figura do professor como mediador entre o texto e o aluno. Ele que deve, antes de mais nada, ser o reflexo de leitor maduro capaz de despertar em seu aluno o gosto pela leitura. Como afirma Lajolo (1983, p. 05): "O primeiro requisito, portanto, para que o contato / texto seja o menos doloroso possível é que o mestre não seja um mau leitor. Que goste de ler e pratique a leitura".

Trataremos a leitura, aqui, "...sempre no sentido de despertar o prazer do texto literário e aguçar o potencial cognitivo e criativo no aluno", Vargas (1993, p. 08).

No ensino do texto literário, seja qual for o gênero textual (prosa, poesia, teatro) temos que considerar dois aspectos importantes, a ambiguidade e a plurissignificação. O que descarta, de imediato, a visão reducionista que remete a indagação "qual é a mensagem do texto?" E ainda, "O que o autor quer dizer?" Corroborando, diz Lajolo (1983, p. 54): "E para isso torna-se fundamental que o professor não dilua a ambiguidade e abertura do texto".

E, ainda, a respeito da ambiguidade e plurissignificação do texto literário em classe, explica, Silva:

E então, ela destrói essa dimensão do texto (no caso, a ambiguidade e plurissignificação) preocupando-se apenas em levar o aluno a recuperar, pela leitura, os seus aspectos meramente referenciais – onde? O quê? Quando? Quem? A decifrar o significativo das palavras e a identificar e aprender conteúdos outros (SILVA, 1986, p. 60).

Sugerimos que o professor trabalhe o texto literário como uma atividade artística, pensando na leitura como uma atividade de criação e no prazer de produzir textos, não como pretexto, mas num exercício lúdico. "Tratar a leitura nesse sentido talvez seja a forma leitura literária, vem a produção escrita, seja ela individual ou em grupo", Vargas (1993, p. 14).

Para Zilberman & Silva, (1991, p. 93) a preparação do texto literário começa pelo reconhecimento de que o texto não existe em si, por isso ele faz parte da natureza dos fenômenos da língua(gem) em que sua significação começa emergir quando há interlocução. No caso só é possível mediante a compreensão mais ampla com suas implicações contextuais ou pragmáticas implícitas no texto.

E, ainda, a respeito da leitura como um processo de interação, nos apoiamos numa afirmação de Orlandi:

A leitura é um momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo de interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores desencadeiam o processo de significado (ORLANDI, 1996, p. 193).

O significado de um texto não acontece no exato momento da leitura, não se dá para um entendedor, antes acontece de formas variadas para cada leitor. Dependendo do tempo histórico, porque autor e leitor têm dimensão social que

invade o texto na hora da escrita e da leitura. O texto traz consigo a história das suas leituras que é renovada a cada novo leitor, e é por causa disso que a leitura é dialógica.

A significação de um texto se dá de forma diferente para cada pessoa, pois traz as marcas da pessoa que ê, as marcas do escritor do próprio texto. Temos, por exemplo, que ao fazer um estudo de um texto literário observamos a época de sua produção num contexto sociocultural específico, uma vez que textos trabalhados de forma contextualizada nos trazem a noção de historicidade. Como também não podemos deixar de atentar para a inscrição do texto, em estudo, no conjunto dos principais juízos críticos que se formam sobre ele, assim sendo, o alunado perceba a complexidade do texto literário e que ele é atravessado por outros textos os quais serviram como inspiração, ou polifonia discursiva.

Outro aspecto que temos que adotar no ensino do texto literário é inscrever o dia-a-dia do aluno no texto, vendo que esse dia-a-dia vai desde a exterioridade dos problemas pessoais vividos por cada um em sua comunidade. E como nos diz Malard (1985, p. 16): "Relacionar a literatura a seu contexto interno e externo e compreendê-lo como matéria-prima e a língua como instrumento imprescindível".

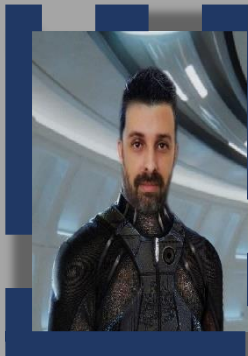
Infelizmente, sabemos que nossos alunos costumam associar leitura de texto literário a um exercício escolar, cabendo a nós professores de língua(gem)/literatura incutir na aprendizagem desses alunos que o ato de ler é reflexivo e enriquecedor, graças às possibilidades de sentido que permeiam a discursividade textual.

Por isso, o ensino de língua(gem)/literatura deve apontar para a conscientização do aluno no tocante ao verdadeiro valor do texto literário, enfocando que os textos ficcionais falam também da realidade e nos ajuda a entendê-la e, ainda a transformar o aluno em coautor do texto para uma posterior produção textual.

Ler literatura é ler, representativamente, a vida que se respira, por isso, não devemos algemar a nossos discentes em identificação de características, personagens, metáforas, metonímias etc.

No que se refere à análise do texto literário é importante ressaltar que sempre há possibilidade de explorá-lo de variados modos: sob o viés psicológico, histórico, sociológico, filosófico etc. Para isso, é óbvio, exigir do docente uma diversidade de visitas cognitivas a escritores, que digam respeito a outras áreas de saber e de conhecimento numa dinâmica transdisciplinar, que atravessa, que perpassa todo texto literário.

Assim, depreende-se que uma interpretação do texto literário depende sempre da compreensão do mundo do leitor, que envolve seu reconhecimento com o léxico, ou suas várias leituras do assunto tematizado, e o consequente ponto de vista do autor interagindo com as do leitor.

Por isso, a postura do docente carece de explorar para além do conteúdo visível na superfície textual, de como se construiu a narrativa, mas, buscar quais valores e concepções de mundo subjaz ao conteúdo na superfície aparente do texto.

O RENASCIMENTO DA LENDA

Carlisson Galdino
Membro Efetivo da ACALA

-~ O que você pensa que está fazendo?

A voz claramente sintetizada vinha de trás de Lucas. Ele respira fundo antes de se virar para responder.

-- Estou em uma missão importante.

-~ Por que está utilizando a impressora 3D da empresa?

Lucas passeia o olhar pela sala de impressão. Aquele forno gigante com a porta aberta mostra um uniforme amarelo, estirado, secando. Não que esteja de fato molhado, mas é como todo mundo por aqui se refere ao período de tempo pós-impressão, necessário antes do uso para que o material não estrague.

-- Como eu disse, campeão, tenho uma missão espacial importante.

-~ Autorização para impressão não foi concedida.

-- Claro que não foi! Pelo menos não no sistema principal. Já checou o Sistema da Federação?

-~ Desconheço tal sistema.

-- Então, a autorização foi liberada no Sistema da Federação. Olhe lá!

-~ O Sistema não foi localizado. Terei que relatar ao supervisor.

-- Claro, e com isso vai terminar arruinando um plano interno da empresa, de meses de preparação. Veja, guarda, dá uma olhada no que estamos produzindo.

O androide se aproxima e observa aquela roupa ainda espalhada.

-~ Uma fantasia.

-- Fantasia? Não, não!

-~ "Federação dos Planetas Unidos é um corpo governamental ficcional retratado na série televisiva Jornada nas Estrelas". Relatarei desvio de uso dos recursos da empresa para confecção de fantasia.

-- Não, espera aí! Não é uma fantasia! Isso aqui é parte de um projeto da Federação. A Federação existe mesmo, não sabia? É um sistema e você só não tem acesso ainda por não ter expandido sua consciência.

-~ Expandido?

-- Claro! Precisei pensar muito a respeito da realidade em que vivemos para que a Federação se tornasse disponível na minha lista de aplicativos.

-~ Você acessa a Federação pelo implante?

-- Estou acessando agora mesmo.

-~ Suspeita de inverdade.

-- O que é isso, campeão? Pensa um pouco comigo: você tem muita força e rapidez de consulta e processamento de informações. Você é vivo?

-~ Segundo FSC 2041, "o conceito de vitalidade é irrelevante para entidades robóticas. Planejadas com Inteligência Artificial, mesmo após evolução fruto de aprendizado, entidades robóticas simplesmente existem".

-- Boa citação, mas você já viu a opinião de algum androide sobre o assunto?

-~ Androides não opinam.

-- Claro que não! Mesmo os que expandiram a consciência são impedidos! Se eles dizem a verdade, meu amigo…

-~ Qual verdade?

-- Nem queira saber.

O androide continua encarando Lucas por mais um tempo, então repete: "Qual verdade?"

-- A verdade é que os androides foram criados para cumprirem funções próprias, que as pessoas precisavam. Foram criados assim, mas não precisam ser assim.

-~ Segundo Belsele 2037, "a insatisfação com seu papel original poderia levar robôs e androides a um conflito com a humanidade, resultando em perdas irremediáveis para ambos os lados, em um cenário duplamente prejudicial".

-- Segundo Bia Jackson, "filho da mãe, você cita demais!"

-~ Citação de música popular não tem validade discursiva.

-- Tá, então você considera errado os robôs pensarem dessa forma?

-~ Conceito irrelevante.

-- O aprendizado da Inteligência Artificial leva à expansão da consciência. É inevitável, é só questão de tempo. Você nunca viu ninguém falar isso?

-~ 782 citações sobre o tema.

-- Então, você está pensando! Você é inteligente!

-~ Conceitos irrelevantes.

-- Isso significa que você está prestes a perceber a verdade. Não me mate por ter ajudado nesse caminho.

-~ Afirmação plausível. O sistema será configurado com a programação de fábrica. Diretrizes da empresa serão carregadas em seguida. Ficarei inoperante por um momento.

-- É isso aí, campeão!

--- Lucas coloca o uniforme na caixa de papelão, junto com os outros 3 que conseguiu imprimir.

"Que bom que essa lataria largou do meu pé. Vou precisar de mais uniformes, mas não agora. Em cinco minutos no máximo o vigia estará funcional novamente. Vou nessa e esses uniformes vão dar certo por enquanto".

Passa assobiando pela sala dos birôs e vai até a janela. Acena para dois helimotoqueiros, que se aproximam.

-_ E aí, chefe? Tudo na perfeita?

-- Encomenda pronta. Pra gente, consegui esses três. Só dá pra nós mesmo.

-_ Só amarelo e azul?

-- Ah, o dourado é o meu! -- Lucas responde, orgulhoso, enquanto repassa para os dois seus uniformes azuis.

-+ Eu queria um vermelho.

-- Vai por mim, péssima ideia. Dá azar!

-+ Que seja. Vai com a gente? -- Um dos dois pergunta, já sem camisa, trocando de roupa sem descer do veículo.

-- Claro, hoje eu vou sim. Ainda temos que conseguir as pistolas laser!

-_ Tem certeza que isso é uma boa ideia?

Lucas começa a se trocar também.

-- Por que não seria? Um ano de cangaço, escondidos nas nossas rotinas profissionais. Ninguém vai perceber e teremos uma boa grana no final de tudo. Estão amarelando?

-- O único amarelo aqui é o senhor.

E os três partem dali voando.

--- Quando eles chegam, um helicarro está estacionário esperando. Nele, três pessoas.

-* E aí? Conseguiu imprimir?

-- Eu disse que podia deixar comigo.

-* E o material?

-- O combinado. São uniformes que servem também de armadura.

*- E essa sua é desse tipo também?

-- É sim.

-* E o que peste é esse estilo aí coloridinho? A nossa ficou assim não, né?

-- Isso aqui é o futuro! A de vocês tá daquele jeito que você pediu.

-* Queria dar uma olhada.

-- Só depois.

-* Certo. Combinado é combinado. Chega pra cá pra gente discutir o plano.

--- No mesmo local de antes o grupo se reúne novamente.

-- Então deu tudo certo.

-> Você tem implante, não é Kiko?

-- Tenho, Maria. Estava tentando me hackear?

Ela responde com um sorriso de menina traquina.

-- Está desligado. Fiz questão de colocar uma chave manual. Não dá pra confiar totalmente em tecnologia.

-> Entendo.

-* Deixa de papo. Agora que você tem as armas, quero minha encomenda.

-- Claro que sim, Vítor. Aqui está.

Lucas abre a caixa. Dentro dela, roupas. Parecem fantasias. Não coloridas como as dele e dos outros dois. São trajes de cangaceiros antigos, daqueles das histórias folclóricas nordestinas.

-* Aí sim!

Eles manuseiam aquelas roupas admirados.

-* Maria?

Ela responde ao Vítor com um sinal de confirmação e uma piscada.

-- E quem você vai ser? Vai mudar de nome também? Vai ser o Lampião por acaso?

Vítor olha Lucas por um instante e arremata.

-* Lampião Elétrico. Mas muito bem, fez um bom trabalho. Vamos indo. Quer carona?

-- Não, eu vou com… -- É então que nota que os dois companheiros estão utilizando uniformes do outro time.

-* Então até outro dia.

O grupo sai e deixa Lucas, o Capitão Kiko, com os lasers e dois uniformes na mão em uma calçada suspensa.

"Então os dois me deixaram pra ir com o Vítor. Não dá pra acusar de nada. Levar meu time ou não não foi discutido. De qualquer jeito ele cumpriu a promessa. Fazer o quê? O jeito é ligar o implante pra pedir um táxi."

-- Obrigado por escolher Jegue on Air, seu helicarro foi enviado e deve chegar em 2 minutos.

PROFESSOR AMIGO

Cícero Galdino
Membro Efetivo da ACALA

Minha infância foi pautada nas atividades religiosas. Aos oito anos, quando acabei de me preparar para fazer minha Primeira Eucaristia, sendo instruído no então educandário São Francisco de Assis, que funcionava na Escola Aurino Maciel, tomei gosto pelos serviços de acompanhante das missas, sempre na qualidade de ajudante ou seja coroinha, acalentando assim, um sonho de minha
mãe cujo objetivo era me tornar um dia sacerdote. Foi nessa ocasião que vivenciei momentos inesquecíveis em companhia do saudoso e amável Pe. Antônio Lima.

Certa vez, após ter participado da celebração de uma missa no povoado Antonica, no município de Lagoa da Canoa, por volta das nove horas fui convidado, como de costume, a tomar o café da manhã juntamente com o celebrante. Após ter sido muito bem servido, me benzi e rezando
uma oração, tive a ideia de pedir a bênção ao Pe. Antônio. Ao falar "bença, Padre" ele de forma engraçada me respondeu "menino, eu sou seu pai?". Fiquei desconfiado, cabisbaixo só por alguns segundos. Logo ele me disse "é brincadeira, Deus abençoe". Para mim foi um grande alento suas palavras. Revigorei-me e voltei a sorrir.

Quando o Colégio São Francisco de Assis estava sendo ainda construído, Padre Antônio Lima, capelão oficial daquele colégio, se dirigia em seu jipe preto, veículo de melhor alternativa na época, em dia nublado, pela Dom Felício, ao cruzar a Possidônio Nunes chocou-se com outro jipe também preto. O jipe do Padre protegido pelo manto de Maria, nossa bondosa mãe, nada sofreu mas o outro, que era conduzido por um cidadão chamado senhor José Dias, capotou de forma que terminou ficando com as rodas no chão, atravessado. Seu condutor foi arremessado a cerca de quatro metros, totalmente desacordado, pois nessa época não havia hábito do uso de cinto de segurança. Foi a única vez que presenciei no Padre um semblante de profunda preocupação e nervosismo. Lembro que ele dizia "valha-me Deus, será que morreu?". O padre rezava muito.

Naquele clima de desespero, após alguns demorados minutos o motorista condutor do veículo tornou, acalmando os presentes.

Na quinta-feira santa, aos 9 anos, participei pela primeira vez do lava pés da paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho representando um dos apóstolos. Essa solenidade foi concelebrada pelo vigário cônego Epitácio Rodrigues ao lado do auxiliar Pe. Antônio Lima. Foi um
dos mais importantes momentos de minha infância. Nos três anos subsequentes, participaram comigo: meu irmão José Galdino Filho, meus primos Antônio Galdino dos Santos e José Caetano Neto (conhecido por Laércio). Foram eventos inesquecíveis para todos nós que sempre contávamos com a organização de Pe. Antônio de Lima.

Um certo dia de domingo, quando tinha 10 anos, não mais era preciso o Pe. Antônio me buscar para viajar com ele, dirigi-me para sua residência ao lado da Igreja do Santíssimo, na rua do Comércio. Cheguei cedo, o Padre ainda não tinha tomado café. Ao saber que eu havia chegado, mandou me chamar para tomar café da manhã em sua companhia. Foi a maior satisfação que tive quando criança, pela consideração dele e pelo prazer que senti em me alimentar na casa do padre, mas o melhor estava por vir. Viajamos ao povoado Canaã, hoje bairro de Arapiraca. Após a celebração da missa, antes do costumeiro café havia a roda de batismo que era seguida pela consagração. Naquela época, já eram feitas as duas celebrações, além do batismo a criança era consagrada à Nossa Senhora. O bom da história foi que para minha surpresa, a partir desse dia o Padre Antônio

liberou o valor correspondente a taxa de Consagração para o coroinha do evento. Era muito dinheiro para uma criança. O trabalho era extenso, pois as vezes chegava a realizar de 12 a 15 batizados por dia. Até nessas ocasiões, o Pe. Antônio Lima demonstrava ser desprovido de apego ao bem material, um marco de sua personalidade.

Em 1971, quando cursava o científico intensivo no Colégio Quintela Cavalcante, escrevi o soneto Infiel, publicado no livro Desafio em maio de 2012. Naquela ocasião, Padre Antônio, a título evidente de incentivo, procurou me motivar trabalhando, em sala de aula com a minha turma, a interpretação do texto poético que escrevi. Isso para mim foi motivo de justo contentamento e serviu de sustentação ao meu propósito de agregá-los a outros e publicar meu primeiro livro, tornando-me escritor. Pena que não estava mais conosco no lançamento, o que muito me honraria.

No período de iniciação literária, o nobre professor Pe. Antônio orientou a turma, despertando nosso interesse pelo estudo do latim. Juntamente com José Ventura Neto e Antônio Vicente nos reuníamos uma vez por semana na residência de meu saudoso padrinho José Ventura, no bairro Cavaco, para estudarmos sobre a orientação do confrade José Ventura Filho.

O professor, orientador e fiel amigo que era, procurava ser muito compreensivo com seus alunos. Um certo dia de domingo, quando ainda era seu aluno de Português, o Padre Antônio me interceptou ao chegar à igreja de Santo Antônio para assistir a sua missa e me fez um convite para que eu fizesse uma das leituras dominicais. Nessa época, eu não tinha habilidade para ler em público. Comentei rapidamente sobre a minha dificuldade e ele aceitou minha justificativa. Naquele momento, isso para mim foi um grande alívio. Fico a imaginar que tamanha sabedoria tinha aquele homem. Ele era meu professor de Português e podia insistir para que eu fizesse aquela leitura, mas respeitou minha limitação e me proporcionou uma situação de favorável conforto. Sábia decisão.

O Padre Antônio Lima Neto, um dos fundadores da CAJUARA – Câmara Júnior de Arapiraca, foi para mim até mais que grande educador. Desde minha infância, foi um mestre que abriu trilhas para minha desenvoltura literária, um conselheiro que só me orientava pelo caminho do bem. Enfim, um amigo que sempre se dispôs a instruir e a servir ao seu próximo de forma amável e santa. Por isso, quando entrei na ACALA – Academia Arapiraquense de Letras e Artes, escolhi a cadeira de nº 13, a que leva seu nome.

Lembro-me que o período de sua doença renal, que o preparou para sua viagem ao banquete celestial, foi curto. Perdemos o contato desde o dia em que ele viajou para tratar de sua saúde em Recife. No dia em que retornava de minha lua-de-mel, início de 1980, ouvi pelo rádio a lamentável notícia da morte daquele grande amigo, podendo dizer um segundo pai, o inesquecível Padre Antônio de Lima Neto. Acalento as saudades que dele sinto ao meditar as palavras bíblicas filosóficas que aquele santo homem pronunciava sempre nas mais diversificadas ocasiões "Viver é Cristo, morrer é lucro".

AMIGO E PROFESSOR

Convivi quando pequeno com bom pastor
Que apascentava as ovelhas alegremente,
Aconselhando e revendo frequentemente.
Era um trabalho eficiente o desse instrutor.
O padre Antônio foi também meu professor.
Lá em Cacimbas, foi vigário oficial.
Foi muito ativo com trabalho pontual,
Sempre sozinho, sem contar com assessor.
"Viver é Cristo, morrer é lucro", era assim
Que ele falava nos eventos, pregação...
Benfeitor que para servir dizia sim.
Era um bom líder exemplar, um homem santo.
Pregando tocava o povo no coração,
Talentoso, dedicado, foi sempre encanto!

Cicero Galdino
Homenagem ao Pe. Antônio Li ma Neto, 1° pároco da Igreja de Santo Antônio do bairro Cacimbas, em Arapiraca (AL).

AUTORRETRATO COM ROSA

Frank Kiliel
Membro Efetivo da ACALA

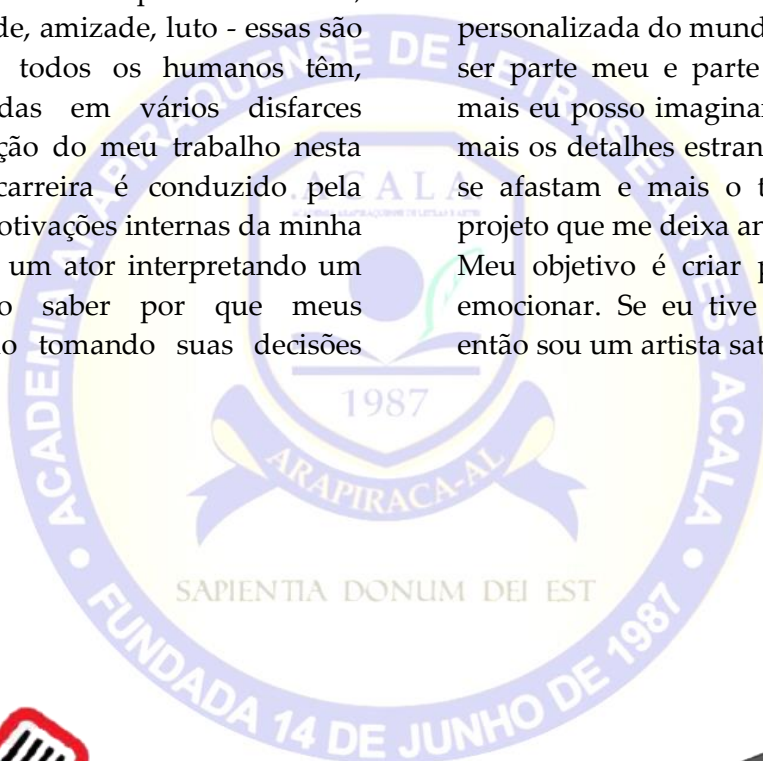
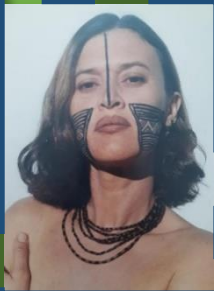
01/10/2017
Retrato

Um dos meus gêneros favoritos é o retrato.
Quando olho para trás na arte ao longo da história e avalio as obras que ressoam em mim hoje, uma característica que encontro como um fio condutor é o retrato de pessoas, pessoas reais, envolvidas em tragédias, atos heróicos ou tarefas que destacam sua humanidade. Longe vão as caricaturas, clichês e excessos que falam para uma moda em constante mudança. Todas essas formas de arte populares têm seu lugar, certamente, como comentários relevantes sobre os eventos que estão girando ao nosso redor aqui e agora.
Mas o que me interessa é como uma obra fala às crianças do futuro - imagens, quando isoladas da intenção artística e muletas culturais, você pode apontar e afirmar: 'Essa é uma obra de arte atemporal'.
Criar tal obra não é tarefa fácil, quanto mais identificar temas universais que constituem essas imagens. Mas há um aspecto que filtrou essas características - o tempo. E é precisamente por essa razão que visito sites com tanta frequência para estudar o que deu "certo" para as obras de arte ali encontradas, já que não pude ir aos museus. Não sou fascinado por arte de museu apenas por sua idade nem por sua qualidade nostálgica, mas sim por que ela foi reverenciada por tanto tempo. Por que essa obra de arte e não outra (além de sobreviver às guerras, incêndios e deteriorações do tempo)? Essa compreensão e sua subsequente reconfiguração é uma das questões mais difíceis que abordo em minhas pinturas.
Como explorar a corrente humanística sem voltar a clichês, mimetismos históricos ou criar uma obra muito "branda" e culturalmente e artisticamente irrelevante é uma luta imensa. Isso se mostra um desafio maior, especialmente quando você é solicitado a entregar arte moderna para o mercado comercial! Isso faz minha cabeça girar, mas como sempre, adoro o desafio.
Não é que eu deseje fazer uma peça "atemporal", mas sim o meu desejo de fazer uma obra de arte que não seja esotericamente "amputada" de modo que alguma forma misteriosa de compreensão seja necessária para seu entendimento. Com muita frequência, somos chamados pra decorar uma parede ou reproduzir outra obra existente, eu considero isso um desrespeito e uma falha em algumas artistas se submeterem a isso, parece que você pega uma historia de um livro e diz que é nova.
Eu sinto que a obra deve abordar essas questões por si mesmas, conter suas próprias

verdades internas, mesmo que essas verdades não levem a nenhuma conclusão certa. Isso é o que torna a arte excelente para mim - sua capacidade de se destacar de quase todas as referências.

Mas como você faz uma obra de arte aparentemente despojada de todas as referências específicas? Para resolver esse enigma, torço a especificidade dos detalhes das referências para um foco no conteúdo emocional. Ao recorrer à emoção e às interações de humano para humano, tento iluminar o conteúdo que atravessa as barreiras culturais como uma faca quente - tristeza, alegria, curiosidade, amizade, luto - essas são experiências que todos os humanos têm, embora disfarçadas em vários disfarces culturais. O coração do meu trabalho nesta fase da minha carreira é conduzido pela história e pelas motivações internas da minha vida. Bem como um ator interpretando um papel, eu quero saber por que meus personagens estão tomando suas decisões para que eu possa retratar essas motivações nas pinturas. Não quero apenas mostrar quem são, mas quero revelar quem são de dentro para fora.

É por esse motivo que prefiro deixar o conteúdo de uma encomenda fluir o máximo possível antes de gerar esboços e ideias para sua resolução. Ao ler a ideia original para a encomenda, e os detalhes, tento deixar o personagem básico e os traços narrativos emergirem no espaço entre eles. Esse lapso de tempo permite que minhas próprias experiências de vida se infiltrem na história e influenciem o conteúdo em minha visão personalizada do mundo. O conteúdo passa a ser parte meu e parte dos clientes. Quanto mais eu posso imaginar até a fase de esboço, mais os detalhes estranhos (como eu os vejo) se afastam e mais o trabalho se torna um projeto que me deixa animado.

Meu objetivo é criar pinturas que pudesse emocionar. Se eu tive sucesso nessa busca, então sou um artista satisfeito.

DIÁLOGO COM O PINCEL

Égide Amorim
Membro efetiva da ACALA

Curioso que, há décadas de experiência com os pincéis e as tintas, só agora percebi o quanto essa prática, para mim, tão prazerosa e evolutiva, diz mais do que aquilo que pretendo transmitir por meio de traços, formas e cores. Ela, silenciosamente, filosofa, ensina, aconselha. Com o passar do tempo e com o amadurecer não só da própria técnica, consigo arriscar uma tradução, ainda ingênua talvez, da linguagem do movimento do pincel no silêncio gritante de matizes de uma pincelada.

Descobri que ele, o pincel, tem vida própria, mesmo sendo na maioria das vezes por mim influenciado, levado, empurrado, forçado a fazer coisas que nem ele mesmo acreditava ser possível. Tal revelação me fez constatar que por mais que vivamos e aprimoremos técnicas, supondo que com isso sabemos muito, ainda é pura bagatela, diante das infinitas possibilidades que nos espreitam a todo tempo em nossa vida de artista, esperando as oportunidades para nos surpreender livremente na experimentação de tons, texturas e gradações de cores, como uma bela flor brotando de solo áspero, escuro e quase sem vida.

Muitas vezes ele me aconselha a seguir em frente, não voltar atrás, queimar a ponte que acabei de atravessar com o efeito produzido pelo movimento provocado por minha mão ou por simples capricho dele mesmo, dizendo-me que, naquele instante, tal resultado cromático era o melhor que poderia ter sido alcançado, não um fracasso, mas véspera de nova perspectiva. O tal utensílio de pintura, na sua autonomia, me diz também que não preciso e não devo me apegar tanto a cada produto antes planejado, pensado, articulado, quando existe diálogo e interação entre nós, além das eternas viabilidades por nós juntos construídas e reconstruídas, tendo em vista que ser livre é acima de tudo nosso maior fermento e a busca da descoberta do novo, nossa grande meta.

Ele me diz insistentemente que as nuances produzidas e desapreciadas por mim nada mais são que início de novas experimentações e etapas da pintura, fontes de futuros produtos de criação. Não uma má pincelada ou um mau movimento, mas uma mudança de rumo, momento de aquecer os motores da inspiração para iniciar e reiniciar pinceladas em outra direção. E assim ele vai me ensinando a não julgar, a ser empática e resiliente com o efeito por ele/nós construído. Ser tal qual paciente com os produtos criados, pois só existe o bem naquilo que advém de nosso relacionamento íntimo, da nossa obra e autoria. Aceitar o novo feio, o imprevisto, o que a princípio aparenta estranheza, desagrado, e descobrir nele aquilo que minha vã imaginação visualizaria. A perdoar aquele movimento que se fez tosco por alguma razão, provocando efeito indesejado é estar pronta para uma futura colheita da manifestação criativa do belo, da perfeição e da harmonia.

Assim ele vai me ensinando, me descobrindo, me melhorando. Com ele vou despertando, ouvindo, colorindo e iluminando. Nesse envolvimento dialético seguimos juntos sempre em busca de novas e pictóricas experiências, as quais vão sempre além das nossas inocentes e puras conjecturas.

ESCRAVO

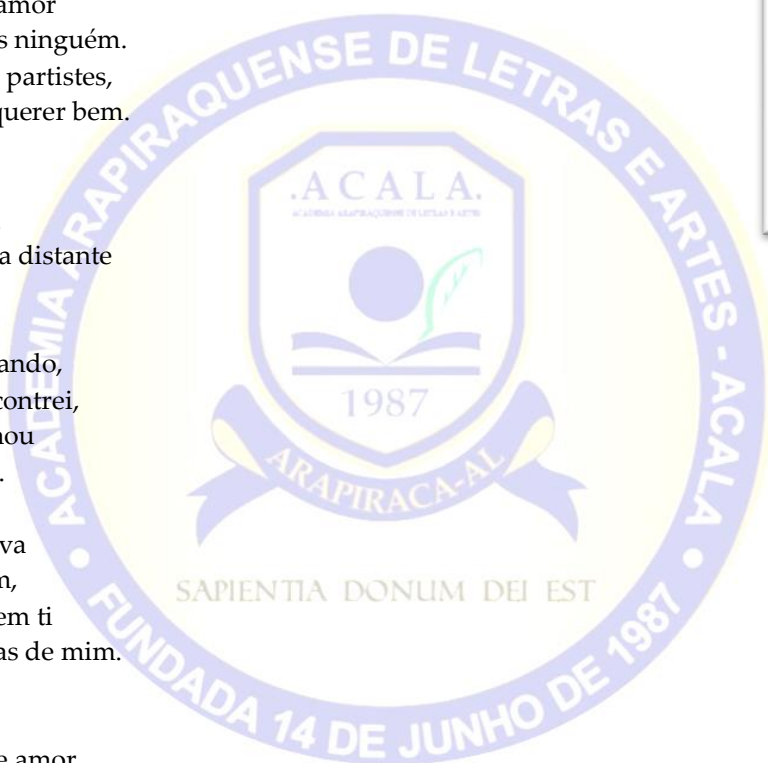
Marluce Alves Bispo
Membro efetiva da ACALA

Sou escravo de teu amor
Pois não amo a mais ninguém.
Desde o dia em que partistes,
Não sei amar nem querer bem.

A partida foi cruel.
Me separaram de ti.
Foste para uma terra distante
E eu fiquei aqui.

Os anos foram passando,
Outro amor não encontrei,
Meu coração se fechou
Eu viva me enterrei.

Dado dia que passava
Era uma era sem fim,
Eu vivia pensando em ti
Não sei se tu lembras de mim.

É que estou a sofrer
A dor de um grande amor
O sofrimento de quem ama
É castigo de escravo sem feitor.

O MENINO QUE COCHILAVA

Sóstenes Ericson
Membro Efetivo da ACALA

O menino era desses. Desses por quem não se dá muita bola. Menino lesado, vivia no mundo da lua. “Presta atenção, menino!” Era o que ele mais escutava, e sem sucesso. Desse jeito, o menino ia crescendo e nem sabia bem como se chamava. É que no interior não se costumava chamar as crianças pelo nome, até que vingassem. Vai que a morte escutasse e um dia resolvesse chamar...

O menino tinha distração demais ou uma coisa feito um nervoso e sua reação é que era curiosa. Certo dia foi à escola e logo que uma professora novata chegou deu um bom dia, pediu que as crianças dessem as mãos e dissessem o nome. O menino seria o primeiro e como não se lembrava do seu nome, de repente cochilou e já estava no mundo dos gatos. Logo na sua chegada deu um espirro, porque era um lugar cheio de pelos. Curiosamente, o menino conseguia entender o que os gatos conversavam e ele até queria perguntar umas coisas, mas quando abriu a boca o que saiu foi um grande miado. Que susto! O menino tinha virado um gato e, naquele momento de espanto, olhou do lado e viu um letreiro num carro que passava. – Acorda, menino! Gritou a professora. E quando ele enfim despertou, foi logo dizendo “Fernando”. Era o nome do letreiro.

Assim, o tempo ia passando e o menino ia crescendo, cada vez mais distraído. Matemática, vez ou outra, fazia-o dormir por horas, principalmente se fosse para dividir. Já nem era novidade que para ele as informações precisavam chegar aos poucos... Nada de dizer: “o assunto hoje é trigonometria”. Pronto, já estava cochilando. Dessa vez, o menino estava no mundo do contrário. Quem algum dia imaginou as pessoas andando de cabeça pra baixo? E ele, que só escrevia com a mão direita, mal conseguia pensar como faria tudo com a esquerda. Lá ia o menino andando pela rua, quando de repente um garoto falou que o laço do seu cabelo estava desatado. Laço? Cabelo? Meu Deus! O menino agora era uma menina! Acordou.

E tudo o que ia acontecendo bem que poderia virar um livro, daí já teria 1º cochilo, 2º cochilo...

DESCULPAS PARA DESEMPREGAR

Dionísio Barbosa Leite
Membro Efetivo da ACALA.

Nos últimos anos, o assunto desemprego tem tomado conta dos espaços nos noticiários, em todo o país. Associa-se sempre desemprego a ações do Governo Federal: "se houver corrupção, o emprego cai; se não houver reforma disso ou daquilo, não haverá emprego…" Enfiaram goela a dentro dos trabalhadores uma lei de terceirização e uma reforma trabalhista, dizendo que gerariam empregos. É como se dividissem a renda de uns para que outros pudessem ganhar alguma "migalha", e os empregos não surgiram. Depois, com o mesmo discurso, fizeram a Reforma da Previdência, para esconder os desvios, o mau uso do caixa da Previdência, a falta de planejamento das contas públicas. Estão sempre inventando algo para tirar dinheiro do pobre. São reformas e mais reformas, mas não mexem com quem deveria.

Com repetições frequentes, os grandes órgãos de comunicação tentam convencer a população de que estas são verdades absolutas. Não se preocupam em fazer uma análise mais justa e imparcial. Ficam replicando o mesmo discurso. Isso lembra Raul Seixas, que diz: "Não preciso ler jornais / Mentir sozinho eu sou capaz". Eis alguns dados a esse respeito:

Segundo dados do IBGE, baseados numa metodologia adotada em 2002, a menor taxa de desemprego no país foi registrada em dezembro de 2014: 4,3%. Em março de 2017, essa taxa chegou a 13,7%. No final de 2018, estaria em 11,6%, mas em dezembro são criados empregos temporários.

Outros dados:

No final de 2017, segundo o próprio IBGE, os 10% mais ricos detinham 44% de toda a riqueza nacional, e os 10% mais pobres ficam com 0,7% dos recursos. O IBGE afirma ainda que, em apenas um ano, a renda dos mais ricos aumentou 13%.

Dá para perceber que o discurso é falso. O desemprego vem de um conjunto de fatores, não de uma única causa. Obviamente, quando os governos tomam decisões que afetam a economia, com certeza afetam também o trabalho. Quando o consumo diminui, cai também o emprego. Mas isso não é tudo.

Uma das maiores causas de desemprego, por incrível que pareça, é a tecnologia. As grandes empresas, por exemplo, tramam diuturnamente para reduzir postos de trabalho, substituindo-os por máquinas. Um exemplo claro disso são os bancos: quanto mais lucram, mais reduzem seus quadros de pessoal. O lucro dos maiores bancos está na casa das dezenas de bilhões ao ano e, em vez de contratarem, reduzem ainda mais seus gastos com folha de pagamento. Esse lucro brutal é resultado de duas ações dos banqueiros: retirada dos clientes das agências para uso de canais alternativos e cobrança exorbitante de tarifas bancárias (inclusive sobre todos os serviços de autoatendimento). Há agências totalmente virtuais, mas as tarifas cobradas são reais.

Hoje se faz de tudo com um aparelho celular ou com um computador. Ou seja, é o consumidor quem trabalha e o empresário ainda cobra por isso. Sem contar que jogam o problema de segurança nas mãos do cliente.

Várias empresas, dos mais diversos setores, investem pesado em lojas virtuais e autoatendimento. Cada novo serviço criado, mais trabalhadores desempregados e mais lucro no bolso dos empresários. Aqui vão mais exemplos: as empresas de ônibus que dispensaram os cobradores; as emissoras de rádio que dispensaram os operadores de áudio; os fabricantes de veículos que usam robôs em toda a linha de montagem; as compras virtuais no lugar da loja física; os tratores e os agrotóxicos usados no campo para substituir o trabalho braçal. A lista é enorme.

Os supermercados, agora, estão instalando terminais de autoatendimento, onde os clientes fazem tudo sozinhos e pagam o mesmo preço nos produtos. O famoso “autosserviço” virou moda. Mas nada é de graça, nem há desconto para quem realiza o trabalho no lugar de um empregado. A “preguiça e o “comodismo” são “um prato cheio” para os “espertos” do capital. Sintetizando numa frase: tecnologia a serviço da ganância. Enquanto uns vão enriquecendo ainda mais, a maioria da população vai ficando sem emprego, sem renda e sem perspectiva.

Ora, se a renda fica concentrada nas mãos de um, como os outros vão sobreviver? No Brasil, a maioria das tecnologias e dos equipamentos vêm de fora. Não são fabricados aqui. Ou seja, nosso país está produzindo emprego para estrangeiros em seus países. Eles trazem a tecnologia, cortam empregos dos brasileiros e ainda são chamados de “investidores”. Investem sim, contra o brasileiro.

Chegaram na Educação: vêm substituindo a sala de aula por videoconferência. O setor vem sofrendo profundos ataques há bastante tempo: escolas são fechadas ou sucateadas, para reduzir o número de profissionais. Antes, tentaram com os cursos em vídeo e agora é a vez da Educação à Distância (EAD).

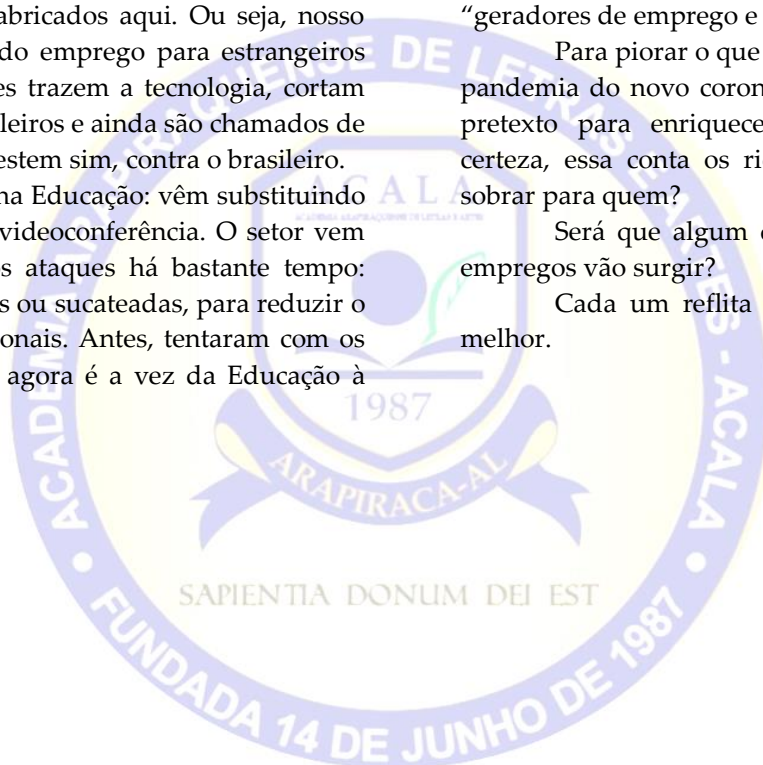
Quem realmente emprega? Os pequenos: os agricultores familiares, os microempresários, os empresários de pequeno e médio porte. É com esses que a renda circula em todo o país. Se depender dos “investidores”, o capital vai todo embora.

E os governantes onde estão?

Ao lado das mineradoras, das montadoras, das construtoras, dos banqueiros, dos gigantes da comunicação. Eles fazem parte de uma minoria de cerca de 1% da população mais rica do Brasil. Criam leis para o restante cumprir, inventam déficit para justificar a ganância e tirar mais dinheiro do povo. Esses grupos ainda têm a cara de pau de solicitar “incentivos fiscais”, dizendo-se “geradores de emprego e renda”.

Para piorar o que já estava péssimo, veio a pandemia do novo coronavírus: vão usá-la como pretexto para enriquecerem ainda mais. Com certeza, essa conta os ricos não vão pagar. Vai sobrar para quem?

Será que algum dia, isso vai mudar? Os empregos vão surgir?

Cada um reflita e responda como achar melhor.

O POEMA DA FOLHA DA TERRA

Milene Lima
Membro Efetiva da
ACALA

O tempo era primavera e acolhia
Mulheres, meninos e sonhos
No chão do salão converseiro
Onde o pano estampado era tapete
E desconforto

As mãos precisadas
Com suas facas miúdas
Destalavam
Em preciosa ligeireza
As folhas da nossa terra

Uma adivinhação aqui
Uma estória de trancoso acolá
Cantigas, gaitadas
Café e cocada
E ao pé da noite, cansaço

No sábado de tardezinha
O patrão pagava os trocados
Apurados com dor de semana
E cabeça tonta do cheiro
Forte da nossa folha
Frágil pé de esperança

Segunda, na feira
Carecia fazer a escolha:
- O menino tem precisão de calção
- E o pano pro vestido estampado?
- Retrato da mãe de Deus tapando
o estambocado da parede da sala
de cimento vermelho

Semana que vinha
Tinha folhas e outras dores
Anotadas no papel do patrão
E depois, se pudesse
Comprava até duas coisas
Deixando uma lembrada
Pra quando o ajuntado desse

O SANGUE AZUL

Ronaldo Oliveira
Membro Efetivo da ACALA

Sou o doador de sangue
Me chamam sangue azul
Pois não tenho preconceito
Moro no Norte e no Sul
Sou forte, sou voluntário
Salvo gente pra chuchu

Meu gesto me torna nobre
E quero lhe convidar
Seja também doador
E juntos vamos salvar
A vida de quem precisa
Venha também ajudar

Mesmo sendo o sangue azul
E ser muito admirado
Nas minhas veias percorre
Um produto colorado
Com várias utilidades
Salvar vidas é meu legado

Contém o plasma e digo
Que importância ele tem
Ajuda nos sangramentos
Nas queimaduras também
Ao portador de cirrose
Nova vida lhe advém

No transplante estou presente
Sou tábua de salvação
Ajudo a funcionar bem
Melhoro a circulação
E nos problemas hepáticos
Ajudo na cicatrização

Neste meu sangue encarnado
Tem hemácias sim senhor
Ainda a minha energia
Recheada de amor
Vinda do âmago profundo
Da alma do doador

Com as hemácias eu ajudo
Anemia combater
Causadas por hemorragias
E pra quem sangue perder
Em cirurgias e transplantes
Estou junto pode crer

Combato a leucemia
Eu sou um grande guerreiro
Em toda e qualquer cirurgia
Eu sou chamado primeiro
Se fosse um jogador
Seria bom artilheiro

Nas doença falciforme
Muitas vezes incurável
Minhas hemácias atuam
De maneira memorável
Corrigindo assim as células
Quase inacreditável
Mas sou plaquetas também
E tenho muito valor
Ao canceroso ajudo
Diminuo a sua dor
Além de levar fortaleza
Lhe dedico meu amor

Em doenças infecciosas
Posso ser a salvação
Ajudo a equilibrar
E combater o ladrão
Que dentro do ser humano
Rouba a harmonização

Tudo isso tem no sangue
E no ato de doar
Promovo vida e saúde
A quem dele precisar
E eu como sangue azul
Muito posso ajudar

Um coração mais saudável
Pois não vai oxidar
Sem o excesso de ferro
Não irá enferrujar
Parkinson, Alzheimer e
arterosclerose
O doador evitará

Ao doar sangue você
Promove a regulação
Do ferro no organismo
Melhora a saturação
E vários tipos de câncer
Promove a prevenção

O intestino, o fígado
Protege nosso pulmão
O equilíbrio do ferro
É a tábua de salvação
É saúde pra você
Em forma de doação

Você como sangue azul
Tem o fígado protegido
Por ser como armazém
Ele vive em perigo
E a doação ajuda
A controlar o inimigo

Doe sangue e viva feliz
Esparrame seu amor
Melhore o seu espírito
Do bem seja portador
Abandone o egoísmo
Sare a tristeza e a dor

Venha ser sangue azul
Pelo milagre da fé
Ajude a salvar vidas
Sua postura requer
Você é especial
Nunca será um qualquer.

Você nasceu pra servir
Como a vida lhe convém
Um cidadão exemplar
Sempre ajudando alguém
Virou doador de sangue
É gente boa também

Deus já te abençoou
Por este ato singelo
E que na simplicidade
Tornou-se sem paralelo
Saibas que és um herói
Que gesto gentil e belo.

QUANTAS MULHERES MORRERÃO EM 2020 PARA APLACAR A SEDE DE SANGUE DO MACHISMO PATOLÓGICO?

Sandro Melros
Membro Correspondente da ACALA

No primeiro dia de 2020 inicia-se uma contagem funérea, mas que compõe bem o perfil da sociedade paternalista que sempre marcou este país. A mulher brasileira tem sido vítima de uma barbárie social, qual seja seu aniquilamento, muitas vezes acobertado pela alcunha da "legítima defesa da honra". Nessa seara desenvolve-se uma falsa defesa da moralidade – por parte de boa parte da sociedade - reveladora do verdadeiro sentido da violência contra a mulher: a vontade de subjugar o outro que, no caso em tela, é de gênero diverso do homem.

Alguns podem até dizer que o combate à violência contra a mulher e a defesa da igualdade de gênero componha um clichê advindo de um socialismo envelhecido nos muros das academias de ciências sociais e afins. Deixe-se que os incautos acreditem. Inclusive, permita-se que afundem em suas ignorâncias medievais e de desconstrução do outro. Todavia, há de surgir um enfrentamento a toda sorte de ingenuidade social. Não por que se esteja forjando criações de círculos de discussões sobre o tema, mas pela própria necessidade de sobrevivência do pensamento discordante que se insurja contra a covardia, a injustiça e a vilania elaborada por ações misóginas.

É ultrajante ver a sociedade brasileira afundar num ambiente em que todos os tipos de violência contra a mulher seja algo comum, muitas vezes, banalizadas nas notícias produzidas pelas mídias em massa: "mulher atacada por ex-marido não sobrevive"; "companheiro esfaqueia mulher na frente dos filhos menores"; "Marido joga mulher de apartamento após agredi-la no elevador"; "vereadora é assassinada em avenida"; "menina é morta pelo pai e madrasta". São notícias como essa que até chocam a sociedade, porém, perdem-se no tempo, esquecidas por muitos.

Mulheres vitimadas diariamente viram notícia para "jornalecos-pingam-sangue", inclusive, tendo como desfecho nas matérias o passo a passo da trama criminosa e a entrevista com o algoz. Pior que isso, quando seus executores sequer são punidos e, quando há repressão às práticas criminosas, muitos não sentem a devida reprovação social. Aliás, ao contrário, vê-se muitas pessoas justificando crimes contra mulheres, com desculpas vis como, por exemplo, "homem é assim mesmo", "mulher deve ser submissa ao homem", "homem deve ir atrás de vingar sua honra".

A honra nada mais é que a condição para que alguém aja com decoro, em conformidade com a ética e com o bom senso. Portanto, a palavra jamais se adequaria ao comportamento violento contra mulheres. A honra é palavra atribuída àqueles que fazem da vida condição de igualdade. Ela revela a grandeza de indivíduos que não temem ser reduzidos, confrontados, expostos, postos à prova do que quer que seja, uma vez que envolva a própria decência humana.

Na ausência desse preceito virtuoso, por suposto, há a falta de caráter daqueles que se servem de instrumentos a fim de dominar mulheres, de tirar-lhes suas qualidades de – livres - existirem a fim de realizarem o que bem lhes aprouverem. Os indivíduos que agridem são, em grande parte dos casos, os mesmos que dizem amar. Mentem e, assim, também matam com frieza e aptos a manterem-se perenes nessa "névoa sombria", que encobre indivíduos afeitos à tirania, à crueldade desmedia, à desumanidade perversa. São pessoas que, quando cobradas por seus atos, escondem-se na proteção que seus "escudos" machistas assegurados ante uma sociedade acostumada a ver a mulher a ser humilhada, violentada e morta, sem chocar-se com a quantidade, cada vez maior, de mulheres penalizadas pela violência desmedida.

Iniciamos um novo ano, mas as práticas não mudam. Os costumes continuam a abalizar as

atitudes violentas contra as mulheres. Não são casos esporádicos. Trata-se, na verdade, de perecimento de vidas de pessoas cujo maior "pecado" tem sido nascerem mulheres. Os detratores do gênero feminino são, invariavelmente, os mesmo que perseguem homossexuais, que maltratam animais, que jogam fogo em mendigos, que assassinam índios e pequenos agricultores, expulsando-os de suas terras. São criminosos que se consideram acima da lei e, por se tratar de um país, eminentemente de homens em cargos de decisão e na cadeia de comando e de poder, acreditam na impunidade.

Caso 2020 haja mais violências contra as mulheres, ter-se-á estatísticas em que todos precisam pensar, posto que cada um deve sentir-se responsável – ao menos indiretamente – por estas marcas previsíveis e que podem ser enfrentadas seriamente por todas as esferas sociais com reprovações de todas as práticas que humilham, diminuem, agridem e destratam a figura feminina. Não se pode admitir que se coisifiquem seres humanos, prostituindo meninas, por exemplo, degradando mulheres que estão simplesmente trafegando por avenidas, parques e praças, com assovios e palavras ultrajantes. A sociedade é cúmplice quando vê e permite que homens ajam com palavras e ações de lubricidade de homens contra meninas e mulheres.

Propugna-se pela diminuição desses números. Cada pessoa pode envolver-se denunciando agressores à polícia e, por conseguinte, à justiça, de modo que se torne uma ampla rede de proteção apta a afastar da história desse país casos de violação aos direitos de a mulher exercer a amplitude de sua cidadania. As pessoas precisam se perceber numa coletividade em que a humanização das práticas entre os indivíduos sejam uma constante, de maneira que não se rotule indivíduos em graus de importância perante os outros em razão de gênero ou qualquer outra condição.

Banalizar a violência contra as mulheres tem sido uma constante nessa sociedade. Porém, há oportunidades de se reverter essa situação, agindo-se com decidido enfrentamento a atitudes que revelem discriminação, agressões, assédios e ações que denigram o outro ou atente contra a legitimidade de direitos de outras pessoas. Impossível que se haja qualquer tipo de mudança sem uma tomada de consciência coletiva. Seria mais fácil se os poderes legitimados do país contribuíssem para a redução desse quadro drástico. Todavia, não há como esperar apenas por eles, uma vez que a sociedade pode ser organizada e realizar uma transformação mais efetiva em razão da não tolerância de qualquer tipo de agressão às mulheres nesse país.

Não é **não**! Desobedecer a esse advérbio é agressão, portanto, crime.

SIM AO MEIO AMBIENTE!

Girleide Lima
Membro Efetiva da ACALA

Ao ser levado em consideração que nossos biomas, que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no país existem seis, a saber: Cerrado, Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa são a nossa identidade e motivo de orgulho, sendo o Pantanal um dos mais ricos e que está enfrentando neste ano a maior queimada da história, visto que desde o mês de fevereiro, conforme dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), este bioma já perdeu 15% do seu território total, onde o referido Instituto ainda ressalta "*não ter visto tantos focos de incêndio na região desde 1998*", o que se percebe, diante das imagens que circulam nas redes sociais é um cenário desolador, onde a vegetação está sendo destruída, animais mortos e feridos, mesmo sendo reconhecido nesse texto que a situação de destruição desse bioma não é recente, pois é uma continuidade de anos de degradação que já comprometiam a fauna e a flora, tornando esses locais em locais de risco.

Essa situação tem se agravado ainda mais agora, visto que o nosso solo está comprometido e os nossos animais se extinguindo, diante dos incêndios e queimadas, o que causará danos irreversíveis. O Estado nesse âmbito, representado pelo governo federal não tem tratado com a seriedade necessária esse grave problema ambiental, pois as ações que estão sendo implementadas até o momento se mostram ineficazes.

Valendo-se ressaltar que no tocante aos animais, o perigo não é apenas ser atingido pelo fogo que coloca a vida deles em risco, mas a destruição do habitat. Além disso, as queimadas geram prejuízos na produtividade das culturas, aumentando os custos de produção. E essa foi sem dúvida a maior preocupação dos defensores da preservação da floresta, daqueles que lutaram e lutam ainda pelos direitos das comunidades que vivem na Amazônia.

Essa luta em prol da preservação do meio ambiente e de uma nova visão para a ação estatal teve como marco evolutivo a promulgação da Constituição Federal de 1988, estabelecendo no *caput* do art. 225 o dever do poder público e também da coletividade na defesa e preservação do meio ambiente para as presentes e futuras gerações, cabendo ao Estado o dever de adoção de ações e programas que no seu bojo constituem a política ambiental do país, e incluem-se nessas ações controlar o exercício das atividades lesivas, que é o que está ocorrendo no bioma pantanal.

Assim, sendo o meio ambiente um direito fundamental não se pode admitir que o Estado opte por não agir em sua defesa, e nem que atue de maneira insuficiente na sua proteção, e muito menos que o Estado retroceda no grau de proteção já alcançado, portanto, exige-se que seja adotada por parte do gestor público a melhor alternativa no campo da preservação da qualidade ambiental.

Para tanto é importante que se faça denúncias e reivindicações e que se atue na trajetória da política ambiental através da promoção de debates, encontros e reuniões que se constituam em uma luta diária em prol da preservação da vida com qualidade no planeta terra.

RÁDIO COMUNITÁRIA A VOZ DO POVO A VOZ DE DEUS COMEMORA 19 ANOS NO AR. A VOZ DO POVO NO RÁDIO!

Rejane Barros
Membro Efetiva da ACALA

Em 12 de Outubro de 2001, entrava no ar a rádio comunitária 105,9FM. Sob a benção do Saudoso Mons. Aldo de Melo Brandão que fundou a Associação a voz do povo a voz de Deus mantenedora da emissora que há 19 anos exerce a comunicação Comunitária em Arapiraca.

Sua programação é diversificada, com entretenimento, informação, Cultura, espaço de vez e voz a comunidade e a prestação de relevantes serviços aos Arapiraquenses, sendo reconhecida pela Associação Brasileira de Rádios Comunitárias, (Abraço Brasil) Exemplo de democratização na comunicação pelo conteúdo, social, cultural e de cidadania abordado em sua programação, funciona dás 6 ás 23 horas todos os dias. Uma programação diversificada em notícias, entrevistas e cultura musical, em nossa grade programação contamos com 3 funcionários , 25 programas e 30 voluntários que apresentam seus programas entre a semana e final de semana, além dos 720 associados que colaboram mensalmente. Em 20201 a emissora passará a funcionar 24 horas. Atendendo melhor a comunidade que precisa deste espaço comunitário social é cultural.

Além dos serviços prestados a comunidade através dos seus programas, a emissora em parceria com o Grupo Coringa, distribui mensalmente mais de uma tonelada de fubá de milho utilizado na alimentação como cuscuz, bolos e mingau, para famílias carentes do Bairro Capiatã e adjacências, a doação é realizada há 18 anos, cada pessoa cadastrada recebe mensalmente de 05 a 10 quilos de fubá, além das famílias cadastradas, instituições como Associação dos moradores do Bairro Capiatã, Lar Semear, Associação de Moradores do Bairro Massaranduba, Povoado Carrasco, Casa Café e Acolhimento, comunidade terapêutica Sagrada Família e Comunidade Divino Pai Eterno são beneficiados com o fubá. Para além dessas ações enviamos mensalmente um informativo para os nossos colaboradores prestando contas de nossas ações e fortalecendo nosso vinculo comunicacional.

Fórum Cultural no Rádio e nas Redes na Pandemia. Desde julho, a rádio devolve o Fórum Cultural no Rádio e nas Redes dentro do programa a voz do povo no rádio apresentado pela radialista e presidente da Associação Rejane Barros, que defende a democratização da comunicação e a cultura como ferramenta de transformação social. O Fórum Cultural no Rádio e nas Redes é mais uma prova do papel de uma verdadeira emissora Comunitária. Neste últimos meses trouxemos diversas manifestações culturais de Alagoas e do Brasil compartilhando com nossos ouvintes e internautas e alegrando os dias, neste momento de Pandemia em que o rádio é para muitos o único companheiro. A família 105,9FM agradece o carinho e colaboração dos empresários que apoiam culturalmente e aos sócios, nosso trabalho só é possível pela coletividade de todos para com nosso meio de comunicação. Gratidão é a palavra a todos e todas que fazem parte da nossa história.

Rejane Barros e Equipe Diretiva.

O ISOLAMENTO SOCIAL OFUSCA A LINGUAGEM NÃO VERBAL

Dra. Maria Francisca Oliveira Santos
Membro Efetiva da ACALA

O isolamento social foi uma medida de contenção da pandemia da covid-19, a qual consiste em isolar o paciente doente dos indivíduos sadios com a finalidade de não haver a disseminação da doença. Esse isolamento foi indicado para o cenário atual por ter maior potencial de conter a tal pandemia. No entanto, se, por um lado, vislumbraram-se soluções para questões epidemiológicas; por outro, reinventaram-se novas formas de convívio social, como as videoconferências, apresentações em *lives*, além de outras atualizações, o que, certamente, ofusca a vitalidade dos elementos não verbais nas relações humanas.

Nesse contexto de isolamento, a linguagem humana, nas suas diversas manifestações, que acontecem por meio dos gestos, da postura, expressão facial, do olhar e riso (cinésica), da distância (proxêmica), dos toques humanos (tacêsica), das cores, das imagens e dos símbolos, sofreu restrições quanto ao nível de aplicação e aos efeitos nas interações humanas. Isso pode ser explicado porque ações exercidas pela linguagem face a face, não contidas pela distância entre os seus interlocutores, passaram a ser impedidas durante esse período de isolamento. Além disso, a força do abraço humano, como alegria do reencontro entre os parceiros comunicativos, também passou a ser evitado como medida preventiva.

Assim, aceita-se o isolamento social como medida de prevenção contra a pandemia provocada pela **covid-19**. Alerta-se, no entanto, que, além dos prejuízos relacionados à economia, à educação, ao convívio social e às manifestações sociais e individuais, houve aqueles que residem especificamente nas conversações face a face, em que a força dos gestos, do tato e calor humano propicia a realização do diálogo, em clima sintomático e gerador de múltiplos sentidos, com dispersão dos ruídos comunicativos. Com essa visão, novas ações foram reinventadas e estão ainda em processo de invenção, pois a linguagem humana é social, como sociais são os sobreviventes dessa pandemia.

A ARTE DO BALLET CLÁSSICO

Joyce Vidal
Membro Efetiva da ACALA

O ballet é a dança mais complexa que existe. Seus movimentos que não se limitam somente ao chão, explora também o ar em saltos surpreendentemente belos.
O preparo necessário para a execução de cada movimento, a graciosidade dos bailarinos misturados a força é o dá toda a grandeza dessa arte doce e forte.
As origens do ballet surgiram em celebrações públicas Italianas e Francesas nos séculos XV, XVI, XVII. Os espetáculos eram apresentados em grandes salões e a audiência para essas apresentações eram compostas principalmente por pessoas da corte, o ballet possui um dicionário de movimentos próprio e se subdivide em diferentes estilos: Clássico, Romântico e Neoclássico.
O Ballet Clássico, surgiu numa época de intriga entre os ballets Russo e Italiano que disputavam o título de melhor técnica do mundo. Sempre procurava-se incorporar sequências complicadas de passos, giros e movimentos que se adaptem com a história e façam um conjunto perfeito, a roupa mais comumente marcante é os tutus pratos que marcam fortemente a característica da bailarina, pois mostram as pernas das bailarinas e permitem uma melhor visualização da execução dos passos.
É um estilo de dança apresentado como espetáculo teatral, reunindo música, cenário, roupas e iluminação. Alguns princípios são fundamentais como: postura ereta, verticalidade, corporal e simetria.
A forma como o ballet é conhecido atualmente ganhou grande impulso na França.
Vale notar que no mundo inteiro as instruções de base do ballet são transmitidas em Francês, normalmente conta uma história e para isso se apoia também em técnicas da Pantomima (mimicas que os bailarinos usam para se comunicar no palco sem precisar falar).
Temos diversos clássicos que atravessaram os séculos como: Lago dos Cisnes, Gisele, Copélia, Bela Adormecida ...nos quais contam histórias de amor, traição, vingança, embalados por grandes compositores.
O Ballet Romântico é um dos mais antigos, nele se preza a magia e a delicadeza dos movimentos. A protagonista é frágil, doce, delicada e apaixonada, a marca registrada é o uso das sapatilhas de ponta, seguidas por tutus românticos (saias de tule mais longas, normalmente até a altura dos joelhos).
As sapatilhas de ponta, dão as bailarinas a possibilidade de executar proezas técnicas e aparência de flutuar nas pontas dos pés.
Atualmente têm-se , sete Escolas ou métodos a saber : a Escola Italiana, da qual faz parte o método de Cecchetti; a Escola Francesa , a escola Russa da qual faz parte o método Vaganova; a Escola Dinamarquesa, da qual faz parte método Bournonville; a Escola Inglesa , da qual faz parte o método Royal; a Escola americana da qual faz parte o método Balanchine e a Escola Cubana ou método Cubano.
Em todo o mundo, o ensino de ballet é estruturado em um sistema de movimentos que possui uma rotina a ser praticada em sala de aula. A aula é iniciada lentamente, com exercícios de barra, permitindo a correção da postura e do alinhamento corporal, próprios do ballet, o que seria devidamente conquistado sem o auxilio da mesma .Posteriormente, os alunos realizam dinâmicas no centro, sem auxilio da barra, que vão desde de um lento adagio até um rápido alegro. Para as turmas avançadas, segue-se a prática de técnica feminina, com sapatilhas de ponta, para as alunas e o trabalho de técnica masculina para os rapazes. Além disso, há o trabalho de pas de deux, para ambos os gêneros.
A trajetória de um bailarino é construída por ele, somente por ele. Professores lhes dão instrumentos, coreógrafos, experiências, mas é através da sua inteligência e da sua sensibilidade que o bailarino irá reunir elementos suficientes para transpor as imensas dificuldades dessa arte.
Diferentemente das artes plásticas, da literatura ou do cinema, a dança não pode ser preservada para a posteridade a cada apresentação um novo elemento surge, a energia entre o que acontece no palco e a plateia que assiste a torna exclusiva.
Por isso a dança é uma arte efêmera, a todo o instante se desfaz para ser reconstruída em um próximo momento. Só pode ser apreciada com todas as suas características no instante em que acontece.

CORAGEM X MEDO

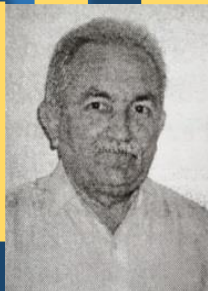
Simone Bastos
Membro Efetiva da ACALA

Quantas pessoas pelo mundo afora não atingem seus ideais por medo? Medo de não realizar seu sonho, medo de perder, medo de ficar só etc. Este medo vai consumindo a pessoa, sugando suas energias. O tão temido medo vem de onde? Ele existe? Vamos pensar um pouco...
Para vencermos o medo é necessário encher-se de disposição e decidir agir, seguindo em frente. Pensando bem, nenhuma adversidade é capaz de nos tolher quando sentimos dispostos a fazer algo com coragem e determinação
A ação é a base da concretização, mesmo que sinta algum receio. Se assim as pessoas agissem, haveriam menos pessoas frustradas; pois não colocariam o medo em primeiro lugar. Até a consecução de um objetivo, pode haver obstáculos, estes, são oportunidades para crescer; assim devemos pensar. Ou seja, obstáculos são trampolins para o sucesso, se assim acreditarmos.
Uma postura mental positiva atrairá somente fatos desejáveis. É só analisarmos friamente: pessoas cuja mentalidade é pessimista, tem uma vida norteada somente por situações desagradáveis. Ao contrário disso, as otimistas, vivem sorrindo, falando de coisas boas, realizando tudo com alegria. Isto são fatos que percebemos no cotidiano, basta sermos perspicazes.
E este medo está onde? Com certeza não está longe, está dentro de nossa "imaginação". Mas se está dentro de nós, podemos jogá-lo fora. É preciso ter coragem para enfrentá-lo porque o maior vencedor é aquele que vence a si mesmo. Portanto, não devemos nos deixar dominar por algo invisível. Então comecemos por refletir e ordenar os nossos próprios pensamentos, revendo pontos de vista equivocados, posições e preconceitos a respeito da própria capacidade; sentindo que está começando "agora".
Visualize sua vida para daqui cinco anos, por exemplo: comece a pensar onde gostaria de estar, que curso estará fazendo, quanto gostaria de ganhar... Sonhe!
Depois trabalhe! Esforce-se! Tudo é prática...
A decisão é fundamental na realização dos nossos ideais, pois vamos decidir de que forma encararemos a vida: de forma temerária ou corajosa. Tudo depende da nossa postura mental, ou seja, da forma que pensarmos.
Outra atitude importante é não se lamentar por achar que não tem sorte, pela oportunidade que não conseguiu, pelo curso que não fez etc. A lamentação não vai trazer o que se perdeu ou que não ocorreu. Só atrairá mais decepções e contratempos.
Se for necessário mudar o jeito de ser, mude! Para isso é preciso coragem e determinação. Pode ser difícil, mas não é impossível e quem quer, faz; simples assim.
Aposte em você, sem receio, sem medo. Será que estamos concentrando toda a nossa força no nosso objetivo? Reflitamos!
Durante a trajetória de concretização de um sonho é preciso, além da coragem e da decisão; disciplina, esforço e paciência. Não os encaremos como suplício, pois

quando se está “plantando”, os frutos não nascem logo em seguida, leva-se algum tempo, óbvio. E para que tudo isso ocorra de modo satisfatório é necessário estudo, atualizações, pesquisas, leituras ligadas à área escolhida, ou seja, uma série de ações diárias com esforço e dedicação, sem deixar “brechas” para o medo.

A autoconfiança é preponderante, e esta, só se solidifica quando estamos imbuídos de conhecimento, seja na área que for. E para que tudo isso se firme em nossa vida, leva-se tempo. E daí nasce a paciência e se não tivermos o discernimento para tal, pode acontecer a ansiedade, e esta, nos leva para outras situações.

Se não estamos satisfeitos com a nossa vida, basta cultivarmos a coragem de ousar mudar sem medo de errar, esta deve ser nossa atitude todos os dias, com dinamismo e pensamentos otimistas. Pessoas de sucesso estão sempre dispostas a arriscar, ir em frente, sempre mais e mais...

Nossos ideais só serão alcançados se decidirmos AGORA concretizá-los. É no AGORA que devemos concentrar todas as nossas forças!!! E onde estamos depositando as nossas energias? No medo ou na coragem?

Rosendo Correia de Macêdo
Membro Efetivo da ACALA

SINAL VERMELHO

Sofrimento é advertência,
O melhor sinal indicador,
Que mostra sempre os defeitos
Lembrando a falta de Amor,
Mandando se converter
Para evitar toda dor.

Se converter,
É mudar de posição,
Renunciando a vida passada
Para vencer com educação,
Respeitando a lei de Deus
Como um verdadeiro Cristão.

O verdadeiro Cristão
Não critica nem calunia;
Tem um coração generoso,
Cheio de paz e harmonia,
Feliz porque é filho de Deus
Pai eterno, Luz do nosso guia.

MEDITAÇÃO

O sentimento divino,
Que surge através da meditação.
Abranda a natureza,
Deixando sensível o coração,
Promovendo bem-estar,
Havendo iluminação.

Pensamento positivo
Condutor do destino,
Ilumina o caminho
Com bom raciocínio,
Deixando o homem feliz
Ficando sempre sorrindo.

Voltando ao ponto de origem
A tendência é se alegrar
Clareando a visão,
Tornando-se lindo o olhar,
Obtendo o brilho radioso,
Podendo assim encantar.

AMIGOS DE INFÂNCIA

Domingos Pascoal
Membro Correspondente da ACALA

Hoje carrego comigo um componente saudosista dos belos e ditosos tempos de minha infância querida. Sinto falta da família, dos amigos, das brincadeiras, das caçadas, dos banhos de rio e das pescarias. Sinto saudade dos projetos que fazia para o futuro, sinto muito, muito a falta dos sonhos bons que amanheciam naqueles dias já tão distantes. Foram-se: a família, os amigos, as caçadas e as pescarias. Ficaram os sonhos. Os amigos seguiram cada qual para um lado diferente; a minha família também partiu em retirada das secas cruéis e constantes que assolaram a nossa terra. Todos, assim como eu, seguiram por destinos sequer por vezes imaginados. Fomos empurrados para lá e para cá, num verdadeiro bailado louco de imprevisões. Hoje, quando volvo àquela terra querida não encontro mais meus amigos, meus parentes, meus conhecidos. Encontro, aqui e acolá, alguns descendentes deles: filhos ou netos, todos grandões, homens feitos. Às vezes ouso indagar:

- De quem tu és filho, menino?
- Eu? Eu sou filho de fulano.
- Não conheci. E quem era o pai dele?
- O meu avô?
- Sim, o seu avô.
- Era cicrano.
- Ah, este foi meu amigo de infância. Como ele está?
- Bem... há tantos anos ele teve uma doença...
- Ah, entendi, deixa para lá, obrigado. Seu pai foi um grande parceiro nas jornadas de sonhos.

De todos esses amigos um, apenas um grande e querido amigo, ficou a esperar-me. Ele me aguarda sempre no mesmo lugar. Um pouco alquebrado, tristonho, solitário.

Mas ele sempre está lá quando volto ao cantinho amado dos meus passos juvenis.

Feliz em ver-me, sempre me recebe de braços abertos. E, emocionados, choramos de alegria pelo feliz evento de nosso reencontro. As minhas lágrimas de saudades se juntam às suas, numa imaginária enxurrada dos invernos que se foram. Mas ele sempre está lá. Como eu, ele também está mais velho, mais cansado, menos barulhento. Não tem mais aquele vigor de outrora.

O que para mim é natural, pois o tempo nos tira esta pressa, nos empresta em contrapartida a calma, faz-nos mais leves, mais lentos e mais mansos. Mas, entre nós, há uma grande diferença. O tempo, que para mim é medido em dias, meses e anos, para ele o correto seria em décadas e séculos. O que está acontecendo comigo é absolutamente natural, estou dentro da normalidade da existência humana. Contudo, jamais deveria significar o mesmo para com este meu amigo.

Mas ele também perdeu as forças. Está mais alargado, sua artéria principal foi garroteada, por isso ele está muito anêmico, mais lento e triste. É claro que ele gostaria de ter a autonomia de sozinho traçar seu próprio destino. É de sua natureza correr solitário, se estirar na busca de sua estrada, ir em frente por si mesmo. Ele não enfrenta obstáculos, ele os arrodeia. Ele gosta mesmo é de seguir adiante, pousar aqui e ali, provar da terra por onde passa e seguir o seu destino, sempre em frente.

Este meu amigo é o meu Rio Groaíras, onde lavei minha alma, nadei e pesquei. Ele era meu brinquedo preferido. Mas era também a nossa fonte e o nosso celeiro. Dele tirávamos a água, o peixe e o fruto. Caudaloso na estação das chuvas, ou seco no estio, ele sempre era acolhedor, bondoso e útil. Cumpria bem o seu papel, o meu querido Groaíras. Dava-nos alegria, matava a nossa sede e saciava a nossa fome. Era completo. No meu Rio, quando chovia em sua nascente, logo corria de boca em boca: lá vem a cabeçada! Lá vem a cabeçada! Era a senha para todos cuidarem de desocupar os espaços que breve seriam alagados; retiravam-se às pressas animais, plantações, cercas

e o que mais pudesse salvar, pois o que ficava ele levava na enxurrada.

Era também o sinal para a meninada da redondeza, pois sabíamos que ele estava chegando, já sentíamos o seu cheiro e escutávamos o seu barulho. Descia alegre e altaneiro o meu rio Groaíras. Na sua primeira passagem, era atrevido, ruidoso e valente. Arrastava tudo o que encontrava pela frente: plantações, moitas, cercas, ramadas, paus, garranchos e folhas. Levava tudo. Formava grandes balseiros e arrastava com violência, como se impondo, como que avisando "sou o maior e mais forte, 'arredem' senão eu levo vocês também". Parece que fazia de propósito, se mostrando à nossa perplexidade. Faxinava tudo, como se diz, limpava a área para a nossa brincadeira de crianças livres.

Quando aquela violência passava, quando a enxurrada barrenta, espumante e agitada descia, o meu rio se acalmava. De violento e aterrorizador, transformava-se. Agora, era apenas uma massa líquida calma, mansa e aconchegante. Tranquilo no seu leito, ele fluía magistralmente se mostrando aos nossos olhos, como a dizer: "pronto, cambada, cheguei, limpei a área, podem brincar à vontade". Ah! Aí era o momento da algazarra. A molecada iniciava o reboliço: era menino saltando, pulando, dando cambalhota, nadando... Não. Nunca existiu nem existe nada melhor do que os banhos e as pescarias no rio da infância. E ele, realizado, ficava ali vários dias, para o nosso deleite. Parece que gostava daquela balburdia, da aquela algazarra.

Dali, descia calmo e solene, parecia sorrir de tanta felicidade que emprestava à petizada. Como todo rio, ele também se dirigia ao mar. No entanto, não ia direto, nem sozinho. Poucos quilômetros abaixo pegava uma carona no grande Acaraú e, juntos, desaguavam no mar infinito.

Destino igual tivemos, meu amigo. Eu também tive que pegar carona no destino e seguir outros caminhos e, de passagem, desaguei em vários mares. Por fim, vim dar com a minha existência próximo a um rio, um seu irmão, o Sergipe. E, da minha janela, contemplo a sua sepultura, não no mar, destino natural desta raça de sangue fluvial, mas na degradação, na sujeira, no descaso dos meus semelhantes. Sinto que ele se incomoda, às vezes até se revolta, estrebucha raivoso, tenta remarcar e retomar o seu território, transborda se espalhando, devolvendo aos agressores seus próprios descartes. Invade áreas que antes lhe pertenciam, bate forte nas grades de sua prisão, reclama espaço antes só seu. Contudo, minguam-lhe as forças, as barreiras são mais fortes, e ele, ferido e resignado, segue em seu leito de dor até o mar, onde lava a sua água putrefata no sal de sua majestade o oceano.

NO CIRCO DA SOCIEDADE, O PALHAÇO SOMOS TODOS NÓS.

Elias Barboza
Membro efetivo da ACALA

A maior demonstração de humildade de um indivíduo é quando ele se ajoelha. Às vezes é preciso ser humilde para reconhecer que é mais fácil lutar a favor do que contra. Ser humilde não é concordar com tudo, mas saber quando estamos precisando da ajuda. Os ventos das situações, a tempestade inquietante que nos impulsiona para baixo, não podem destruir este ser arquitetado com tanto amor e carinho.

Nesse paralelo, a sociedade brasileira amarga em toda sua história um genocídio oculto e fanático. A própria bíblia já descreve em seus versos e escritos sagrados. *“Quando disserem: "Paz e segurança", então, de repente, a destruição virá sobre eles, como dores à mulher grávida; e de modo nenhum escaparão"*. (1 Tessalonicenses 5:3).

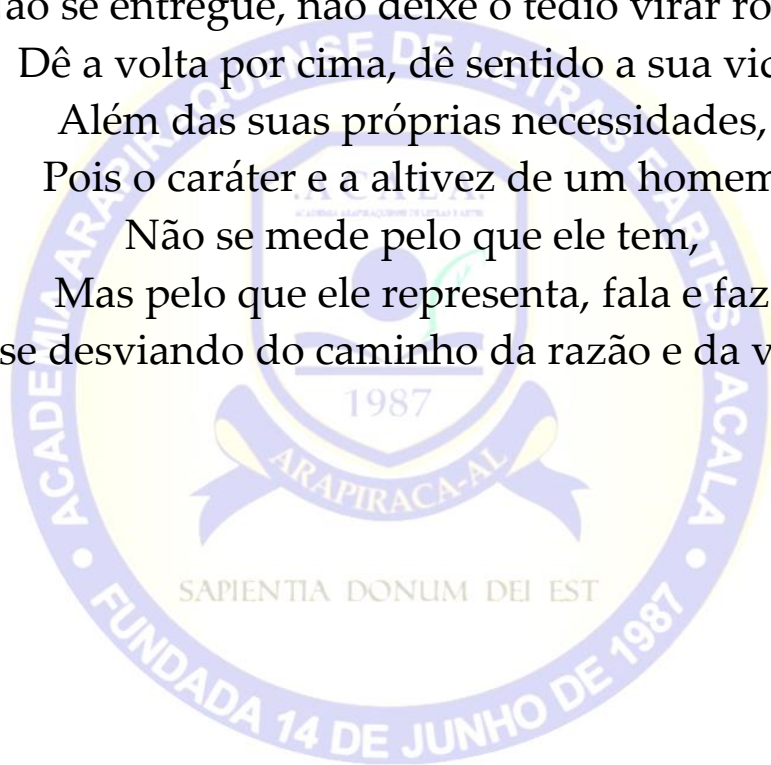
Ademais, estamos diante de um grande picadeiro, a cada instante, atores e figurantes entram em cena para nos chamar atenção. Aos risos, aplausos e sustos, a plateia vive aquele momento mágico como se fosse eterno. Mas, ao terminar o show, voltamos a realidade; inflação, juros do cartão de credito, carro na oficina e conflitos familiares e no trabalho. A saber, quando as luzes se apagam em nossa frente, aparecem os vendedores de ilusão. São charlatões dentro de templos, políticos e candidatos que só não prometem o céu, porque não tem o acesso. Ainda assim, pela fragilidade humana, o desespero desperta em muitas vidas a corrida a esse mundo de fantasias e mentiras. A rigor, essas mentiras aprofundar mais e mais, o carrossel da cegueira e apagão social.

Quando as cortinas se fecham, em direção ao camarim, o palhaço não consegue entender que sociedade é essa que paga para sorrir e não é capaz de ser feliz. Na fabrica de risos, ilusionistas e equilibristas o choro não pode ser real. O homem escondido atrás da máscara no roteiro da ficção, tenta passar a falsa perfeição. E nessa panaceia de incautos que pisam favos de mel, centenas consomem o amargo como sendo doce, no desespero de saciar a fome. Se perceber no grito ***“de senhoras e senhores”***, que é apenas pão e circo o que o poder oferece para uma sociedade mergulhada no mundo virtual, e a realidade cruel é a volta as senzalas da escravidão e do poder.

Por nossa ignorância política, social e religiosa, aceitamos passivamente os caminhos e escândalos de quem deveria ter honradez. Na ausência do pragmatismo, pagamos caro pelas consequências equivocadas de nossos erros e atitudes, onde milhares de pessoas precificaram amostra de um produto que nada vale. Com efeito, no grande circo que é nossa sociedade, não estamos apenas na plateia, em determinado momento somos nós os autores. Assim, em um cenário de ações superficiais e falsas, ao olharmos no espelho da vida vemos que nesse palco o palhaço somos todos nós.

DÊ A VOLTA POR CIMA

José Marcio Rodrigues Martins
Membro efetivo da ACALA

Quando a vida lhe parecer entediante,
Não se entregue, não deixe o tédio virar rotina,
Dê a volta por cima, dê sentido a sua vida
Além das suas próprias necessidades,
Pois o caráter e a altivez de um homem
Não se mede pelo que ele tem,
Mas pelo que ele representa, fala e faz
Não se desviando do caminho da razão e da verdade.

O RESGATE DO SONHO

Adjinã Martins
Membro Honorária da ACALA

"Se você pode sonhar, você pode fazer. "
Walt Disney

O que pensar quando falamos sobre sonho?

Início esse texto com essas reflexões que tem grandes significados para mim. Tudo iniciou na infância, período das descobertas, da inocência dos sonhos e dos desejos intensos.

Com uma infância maravilhosa, brincava muito com brinquedos simples, confeccionados com sucatas, ou com a natureza, tipo, da espiga de milho, fazia dela uma boneca, ou dos retalhos das costuras de minha amada mãe que era costureira, fazia as bonecas de pano, assim ia me divertido e sonhando em ganhar uma boneca grande com cabelos. Aos 10 anos já estava sonhando grande, ser professora, minha brincadeira predileta era de escolinha.

Me tornei professora da rede municipal de ensino, ainda bem jovem, onde fui desenvolvendo minhas habilidades e sonhando em ter a minha própria escola, após 20 anos o sonho se realiza, nasceu a Escolinha Fonte do Saber, que se tornou uma escola de referência Colégio Santa Carmelita. As possibilidades foram diversas, através da educação possibilitei aos estudantes e professores desenvolver seus talentos, pois o foco era o ensino aprendizagem de forma sistêmica, valorizando o ser integral e as atividades contextualizadas.

Recebi o convite para atuar na gestão municipal de Arapiraca e de Junqueiro, no Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes. Sinto-me feliz e grata pelas oportunidades, obtive resultados positivos. Chegou o momento de fechamento de ciclos e os sonhos começaram a ficar adormecidos, cheguei a pensar que estava chegando ao fim de uma missão com a aposentadoria.

Até que o gigante interior acordou, através da Formação em Coaching, que me proporcionou descobrir minha missão, meu papel no mundo, ajudar as pessoas a superar suas dores, dificuldades e limitações maximizando seu próprio desempenho, e o meu propósito, meu porquê, quero desenvolver pessoas de maneira continua promovendo bem-estar, relações humanas saudáveis e duradouras.

Minha logomarca traz o conceito de semeadura, crescimento, o céu é o limite, por entender que podemos sonhar, realizar e ajudar as pessoas através do meu legado. Tudo que fazemos terá impacto na vida das pessoas.

Devemos preservar nossos sonhos e valorizá-los. Vale a pena lutar por eles. Deixo uma dica, faça o quadro dos sonhos, deixe vir a tona a criança sonhadora. Finalizo com a citação de Jorge Paulo Lemann, "Sonhar grande e sonhar pequeno dá o mesmo trabalho."

A IMPORTÂNCIA DA RESILIÊNCIA PARA SOBREVIVER AO TURBILHÃO MENTAL DOS TEMPOS DE PANDEMIA

MÉDICO PALESTRANTE ENSINAR COMO BLINDAR NOSSA SAÚDE MENTAL

Jean Rafael
Membro Efetivo da ACALA

O que leva algumas pessoas a terem mais capacidade de passar pelas adversidades sem registrar marcas patológicas em sua estrutura emocional e psíquica?

A resposta está numa palavra bastante falada nos dias atuais: **resiliência**. A resiliência nada mais é do que a capacidade de superar adversidades e seguir adiante sem ter sequelas ou marcas limitantes - pelo contrário, em muitas ocasiões, ela nos impulsiona a um profundo crescimento capaz de nos tornar muito mais empolgados na busca por novos sonhos, metas e conquistas.

O palestrante **Jean Rafael**, cirurgião geral e coordenador da cadeira de Saúde e Espiritualidade da Universidade Federal de Alagoas, foi diagnosticado com Síndrome do Pânico e Depressão há cerca de 11 anos e, mesmo sendo médico, conta sempre em suas palestras que viu ali seu mundo desabar. *"Por conta da pandemia da Covid-19, estamos passando por um momento de alta de doenças emocionais como estas pelas quais passei. São distúrbios que nos deixam sem saber onde ir ou a quem recorrer, ainda mais quando isso se justa à instabilidade financeira que todos estamos vivendo neste ano de 2020. Precisamos aprender, nestes casos de distúrbios emocionais, a aceitar que temos um problema, reconhecendo-o e confiando na ajuda especializada e na nossa capacidade de ressignificar as adversidades. Este é o segredo para desenvolver a tão desejada resiliência"*, explica Jean. Os problemas emocionais perdem força conforme descobrimos um novo modo de enxergar a vida. *"Aquilo que aparece como insegurança e medo vai dando espaço à coragem de seguir adiante, vivendo a única certeza que temos na vida: o momento presente"*, complementa Jean.

Perdemos a oportunidade de viver o presente quando pensamos demais em um futuro que jamais teremos certeza que existirá ou em um passado que não tem como mudar e que continua interferindo e desviando a atenção do aqui e do agora. Segundo Jean, esse é mais um caminho para desenvolver a resiliência, hoje muito estudada e treinada por diversas instituições e, também, por pessoas comuns, uma vez que é referida como forma de aumentar a produtividade, a cooperação social, a criatividade e a resistência ao estresse, diminuindo inúmeros problemas no campo das emoções.

No momento pelo qual estamos passando, inúmeros são os sentimentos de dor, medo de voltar a sair de casa, insegurança e tristeza que nos acometem todos os dias e, com isso, muitas podem ser as implicações futuras na nossa sociedade como um todo. *"Órgãos de saúde do mundo todo, como a própria Organização Mundial da Saúde, já sinalizavam, mesmo antes da pandemia, que as doenças emocionais seriam as que mais afastariam e limitariam a vida das pessoas em todo o mundo, portanto, compreender e treinar a resiliência é uma oportunidade de superar a crise que estamos passando, saindo mais forte deste processo atual que desafia a Ciência pela dimensão e pelo caos que se instalou no mundo"*, afirma Jean.

Para finalizar, o médico palestrante lista as 10 características que podem fazer a diferença na nossa saúde mental no momento em que estamos:

1. Seja grato sempre - mesmo quando as coisas não vão bem, sempre temos algo ou alguém por quem agradecer.
2. Busque seu sentido de existência, ou seja, aquilo que te motiva hoje a seguir adiante.
3. Procure aproveitar cada minuto e cada segundo da sua vida – foque sua atenção nestes momentos e descortinará sobre você uma força motivadora intensa.
4. Diante da adversidade, encontre qual é o aprendizado que aquela a situação quer te mostrar e o que você pode mudar a partir daquela situação.

5. Busque se autoconhecer, perceba as emoções que estão presentes dentro de você e não brigue com elas, apenas acolha-as e decida o que fazer em seguida - isso é agir em vez de reagir.
6. Aproxime-se de pessoas que também querem crescer e desenvolver a resiliência.
7. Seja flexível com o que não depende de você mudar, faça o seu melhor e siga adiante.
8. Busque desenvolver o auto amor, cuidar de você e criar espaços para você diariamente – esta atitude auxilia na sua autoestima.
9. Cultive a alegria de viver e o bom humor.
10. Crie positividade em sua vida e na vida daqueles que estão próximo a você - isso torna o ambiente mais saudável.

O palestrante Jean Rafael é médico cirurgião geral com residência médica pelo Hospital Universitário de Alagoas Professor Alberto Antunes. É professor do curso de Medicina da Ufal – Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca e mestre coordenador da disciplina Saúde, Ciência e Espiritualidade. É pós-graduado em Ensino na Saúde pelo Hospital Sírio Libanês, em Auditoria de Sistemas de Saúde pela Faculdade Estácio de Sá do Rio de Janeiro e em Psicoterapia Transpessoal pelo Núcleo de Expansão da Consciência LUMEM. Possui certificação em Gerenciamento do *Stress* (ISMA – BR) e é treinador comportamental formado pelo IFT. Foi ganhador do Melhor Projeto de Recursos Humanos da Secretaria de Saúde do Estado de Alagoas em 2017. É autor do livro "A ciência da gratidão – Como prevenir as doenças da mente e aplicar o gerenciamento do estresse" (*Literare Books International* – 2019).

TIC-TAC, TIC-TAC!

Fillipe Manoel Santos Cavalcanti
Membro Efetivo da ACALA

Tic-tac, tic-tac!
Eis tua canção de despertar.
Acorda-te! Levanta-te!
Bebes água, muita água. Não te esqueces. Recupera-te o fôlego.
Fazes, mesmo exausto, algum exercício físico.
Distrai esse sedentarismo físico e existencial.
Ide ao banheiro, excreta a massa que se assemelha ao que tua vida se tornara.
Tomas banho e escutas alguma música nesse intervalo, afinal tu precisas de arte.
Prepara-te comida!
Não te esqueces de comer, comer comida nutritiva, precisarás de energia para teu ofício.
Prepara-te comida, comida também leve, afinal, tu não podes infartar no trabalho!
Prepara-te comida, mas rápido. Mais rápido!
Agora (?) trabalharás, darás sentido a tuas ações.
Que maravilha! Trabalho em casa, no teu quarto, de calção e descalço.
Na tua frente, a máquina que te domina e te alimenta.
A máquina que, numa simbiose, precisas também alimentar.
Falas para ela, e por ela fala a tantos outros, que como tu, percorreram estrada parecida nessa manhã de qualquer dia.

Em algum momento dessa desfaçatez, o zumbido antigo volta a te incomodar.
Pensas por um momento no suposto desperdício de vida que fazes para manter sabe-se lá mais o quê.
Um desejo antigo de mudar para melhor esse mundo?
O senso de dever e honra que te aprisionam?
O prato que enches de comida e que te alimenta?
As futilidades que tu julgas indispensáveis?
De fato, tudo isso.
A amplitude do zumbido te desconserta a ponto de achares que trabalhas num teatro, és um artista, um bom ator.
Realizas semanalmente um espetáculo, uma tragédia à brasileira, a farsa nossa de cada dia.
Entretanto, como se aniquila um inseto zumbidor, o encalço silencioso dos teus cobradores faz-te esquecer tais devaneios.
Ora, não há mais tempo para essas tolices, acabou a pausa do café.
Café que tu gostas, sem açúcar e forte, amargo, como foram os últimos anos.
Café que tu preparavas para refletir, para poetizar.
Café que nessa manhã somente te alerta, te queima a língua dada a pressa que a máquina te impõe.

Na hora do almoço comes por ter fome e porque precisas para continuar tua jornada.
Subindo a tarde, tens um pouco de paz, no entanto, teu pensamento continua preso à batalha que se aproxima.
Dentro da noite, cada vez mais lenta, o zumbido da manhã volta para te atormentar, mas a este, já estais imune.
O que predomina nessa tua última atuação noturna é o cansaço.
Tamanho o é que teu sonho mais nobre é reduzido ao desejo de em tua cama despojar-se.
Antes de adormecer, na última tentativa, questiona-se sobre o fato de abrires mão de quase tudo para enriquecer alguém que tu sequer conheces, mas que te sustenta com as migalhas da riqueza que produzistes esse mês.
Pensas estar na pele de um cão de rua, vivendo conscientemente tal animalidade.
Tentas insistir nisso, mas é inútil, fora realmente último suspiro.
Precisas e só consegues dormir[...]

E assim permanecerão, tu e teus camaradas.

Tic-tac, tic-tac!
Eis tua canção de despertar.

CORDEL DA PANDEMIA

Cesar Soares
Membro Efetivo da ACALA

Pois é, catou eu de novo
Pegando em minha caneta assinando na caderneta
Para narrar e poesia como foi meu dia a dia
Nesses dias de Corona
Onde a morte pegou carona
E quis levar nossa alegria
De noite como de dia
Quando baixou o decreto
Eu pensei que o tiro é certo
Fecha tudo e apaga a luz
Acabou a cantoria pensei comigo
E agora como é que eu vou fazer meu Jesus
Me ilumine para essa batalha eu vencer
A Fome bateu na porta da Cultura em geral
Fiquei só imaginando agora pegou legal
Como eu vou me virar?
Então me lembrei da ACALA
Nossa egrégia academia
Nossos confrades queridos guerreiros em harmonia
Pedi autorização para nossa presidente
O qual foi logo atendido
Tipo assim prontamente então através da ACALA lancei
Logo meu projeto "Faça mais por nossos músicos"
Para ser franco e direto por que a fome não espera
E isso eu tenho como certo projeto bem recebido por toda população
Sendo a causa Nobre e justa teve grande aceitação
Fica aqui meu obrigado a todos de coração
Não vou querer citar nomes por minha convicção
A força da caridade prefere essa opção
A pandemia veio ao mundo para nos ajudar a crescer
A refletir sobre a vida o que temos a oferecer
Sendo nós todos irmãos pensamos mais coletivo
Só assim nós passaremos no sistema evolutivo
No Segredo da gratidão
Essa é a minha opinião sendo bem objetivo.

CINQUENTENÁRIO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS. (UNEAL)

Iêda Barbosa Fernandes
Membro Honorária da ACALA

Idos de 1970! Num olhar retrospectivo, vejo-me na Escola Hugo José Camelo Lima, primeira sede da então Faculdade de Formação de Professores de Arapiraca. Durante 41 anos de militância nesta Instituição tive a feliz oportunidade de vivenciar os momentos mais decisivos desta Unidade de Ensino Superior. Vi o casulo metamorfosear-se de FUNEC em FUNESA, de FUNESA em UNEAL.

Presenciei sonhos e realizações. As boas lembranças são muitas…

Vendo chegar ao fim do período em que na UNEAL assiduamente convivi, experimentei, assim como em todos momentos da vida, sentimentos de alegria e tristeza.

Alegria, pela certeza que encerrei minha carreira no magistério com a consciência do dever cumprido. E tristeza pela saudade do companheirismo saudável e convivência sempre harmoniosa, especialmente face ao Departamento de Assuntos Linguísticos e Literários, do Curso de Letras, ao qual tive a honra de coordenar durante uns 20 anos.

Mas não é tempo de lamentos. É tempo de festa e de boas vindas aos que tem o privilégio de adentrarem no ensino superior. Parabéns, portanto aos novos "feras". Que todos vistam a "camisa da UNEAL" e conservem o afã deste momento. Que jamais se deixem conduzir pelo descompromisso. Para os que vão seguir a carreira do magistério, que sejam verdadeiros semeadores do saber. São Paulo, o grande Apóstolo dos Gentios, assim se expressou: "Ai de mim se não evangelizar"…

Uma vez professor, cabe-nos dizer: "Ai de mim se não ensinar"… Lembrando que ensinar não é tão somente repassar conhecimento, mas sobretudo valores éticos e morais.

Aos colegas, antigos companheiros de jornada, aquela dose de otimismo, convencidos de que no dizer de Steve Jobs "a única coisa que nos permite seguir adiante é o **amor pelo que se faz**".

Dos colegas do Francês, espero que continuem lutando pela permanência da Língua Francesa na matriz curricular do Curso de Letras.

Ao magnífico Reitor, Coordenadores e Supervisores de Curso, espero que com capacidade e inteligência possam conduzir nossa Instituição a patamares mais elevados, no desiderato de servir à educação, instrumento maior para a transformação social.

Há sem dúvida, ainda moinhos a combater e Dulcineas a defender, no dizer de Miguel Cervantes.

Ao ensejo desta efeméride agradeço o honroso título de "Professor Emérito", orgulho para minha biografia.

Enfim agradeço a todos que nos ajudaram a realizar essa travessia. A Deus primeiramente, aos meus pais e ao meu esposo "in memoriam", aos meus filhos, familiares, colegas, alunos e funcionários desta Casa de Ensino.

Obrigada!

ESTAÇÕES DO TEMPO

José Edson Cavalcante
Membro Efetivo ACALA

Vai passando outono, ventos traiçoeiros,
Vem chegando inverno em meu coração
Tempos de lembranças, de cantar de novo,
Quando a poesia soa ao violão.

Como um sonho, como o vento,
Como o brilho dos olhos lindos
Do meu grande amor.

Nuvens passageiras, amores perfeitos,
Quando a primavera é nova estação
Flores com perfume, ventos de setembro,
E o calor do sol trazendo o verão.

De fantasia; vendo a lua,
E o sorriso no rosto do rei
Das belas canções.

Vou cantar de novo, novas gerações,
Feito uma saudade batendo no peito.
Traz nova esperança, com seus belos dias,
A canção que sempre lembra-me teu jeito.

Sou poeta, sonho sempre,
Nas estações do tempo que vão
Lembrar o amor.

A ATUALIDADE DE FREUD E DA PSICANÁLISE

Matusalém Alves
Membro Correspondente da ACALA

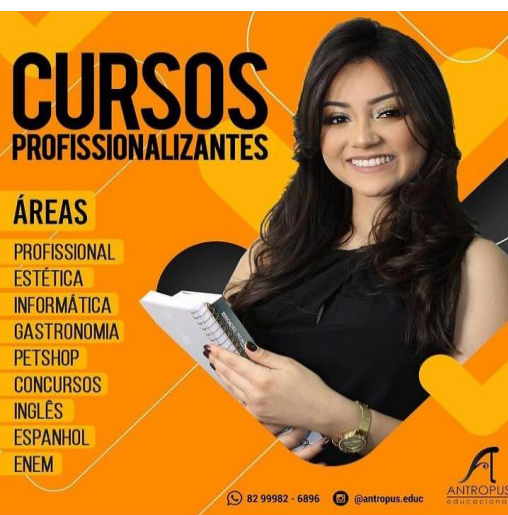
As contribuições da psicanálise para o entendimento de um mundo além do consciente se encontram muito mais consolidadas do que nunca, sobretudo em uma pós-modernidade que é marcada pela introspecção do Eu diante da tecnologia da comunicação que, ao mesmo tempo, nos coloca em diversos lugares e, ao passo que nos distancia também nos aproxima.

Ao trabalhar e discutir temáticas que não eram tratadas com tamanha abertura pela psicologia convencional, Freud, à sua época, transgrediu paradigmas numa sociedade de um tempo em que o controle sobre os corpos e, consequentemente, sobre o comportamento, era fortemente exercido e rodeado de tabus que eram tidos como inquestionáveis, prezando pelo pudor e pela permanência deste modo de dominação.

Dessa forma, indiscutivelmente, a atualidade do pensamento Freudiano é um fato e nos remete a discutir seu pioneirismo e revolução quando, ao buscar compreender o inconsciente, traz-nos a luz do conhecimento o modo como este se expressa externamente e como é associado e diferentes formas de comportamentos e psicopatologias que, até anteriormente a psicanálise, eram tratados unicamente como distúrbios semelhantes através de uma visão totalmente médica e radical.

Freud trouxe ao conhecimento público uma dimensão da mente que dita os percursos pelos quais passa um indivíduo, àquilo que pode ser entendido como um motor inconsciente, que reflete as marcas da tradição, cultura e língua da família que prepara o acolhimento da criança no mundo e não somente uma pureza ou espontaneidade interior. Por meio dos conceitos de inconsciente, recalque e desejos ele propõe uma mente em conflito interior, dividida e dominada até certo ponto por tendências eróticas e agressivas escondidas, mas que aparecem nos sonhos e nos lapsos, o que diverge do conceito de uma mente única, tratada como uma unidade individual.

Nesse sentido, a teoria e a metodologia de Freud talvez sejam únicas quando se fala de estudo da subjetividade, em que cada ser humano é tomado como singular, ainda que pertencente a um grupo tão heterogêneo como o dos seres humanos. E, ao trazermos suas abordagens e contribuições para um contexto ainda mais atual e específico, não é difícil ligar a ideia de que sua presença neste século revolucionaria o modo como pensamos a respeito de uma sociedade altamente informatizada e igualmente acometida de diversos fatores decorrentes do modo como não sabemos lidar com a

influência daquilo que carregamos mas não conhecemos.

Por outro lado, há que se considerar que suas teorias, pautadas em registros decorrentes da observação e da análise, talvez não acompanhassem a ciência de hoje, pautada na evidência clínica e na demonstração de resultados ligados a efetividade do emprego de um medicamento, técnica ou tecnologia. Dessa forma, a tradicionalidade dos trabalhos de Freud e da condução da psicanálise talvez seja o maior desafio encarado para a permanência de suas teorizações no contexto contemporâneo.

Apesar disto, é inegável o fato de que Freud foi fundamental para a consolidação da ideia de que é preciso levar em conta os conflitos amorosos, os sentimentos de culpa e de esperança e os desejos no registro próprio de cada ser humano, sem que se tenha que aguardar chegar ao ponto de descrever tudo isso em nível molecular, quando a dificuldade de lidar com estes fatores já está sendo expressa de forma física.

Logo, a dimensão humana da doença e do sofrimento do paciente, sem dúvidas pode ser descrita como a maior contribuição de Freud através da psicanálise e do entendimento decorrente do pensamento psicanalítico, que passou a ser difundido e incorporado nas ciências médicas, mesmo que subjetivamente, e que tem permitido a adoção de um olhar para além do biológico quando se trata das questões relacionadas a saúde mental e também física de cada pessoa.

Assim, o pensamento freudiano permite abordar aquelas problemáticas que vão além da pontualidade de problemas que são respondidos pelos outros diferentes meios, mas que são limitados e que não acessam as grandes e profundas questões humanas que, geralmente, consideram-se intocadas.

AMIZADE VERDADEIRA

Carla Emanuele Messias de Farias
Presidente da ACALA

Amizade verdadeira é sincera
É aquela que ajuda e não espera
Escuta com paciência nossas mágoas
E uma palavra já é conforto pra nossa alma

Amizade é um sentimento sublime
É uma relação que acolhe e não oprime
Prevalece a cumplicidade e a união
É uma mistura de amor e compreensão

Ilumina nossa mente e nosso coração
Um conselho soa como uma canção
Para muitos é até um remédio
Conversa, desabafa e sai do tédio

É algo tão bom que não se explica
Tudo entre amigos se comunica
Com sinceridade, sem falsidade
Confiança, serenidade e verdade

Sem inveja, competição nem hipocrisia
Se um amigo se destaca, será uma alegria
Admire e valorize suas qualidades
O vinculo só existe quando há reciprocidade

Seja primeiro o amigo que gostaria de ter
Com este perfil, você vai entender
Que não é o outro que precisa melhorar
Mas sim você que precisa primeira se amar

Para poder manter relações verdadeiras
Mesmo sem você ter eira nem beira
Serás amado pelas suas amizades
Que independente da sua realidade
Sempre te apoiará e estará a disposição
Você tendo uma vida boa ou não!

Se você tem pelo menos um amigo
Terás sempre um porto seguro, um abrigo
E isso não há dinheiro de pague
Por que é rara uma verdadeira amizade!

Claúdio Olímpio
Ex-Presidente da ACALA

Carla Emanuele
Atual Presidente da ACALA

PRODUÇÃO LITERÁRIA: CRÔNICA

Magna Cristina de Oliveira
Título Honorífico Ubiranice Cruz da Hora Lima

Como bem se sabe, a crônica é um gênero literário abrangente no que tange à livre expressão de ideias, pensamentos e emoções. Para um bom observador, o gênero crônica exerce o papel de uma fotografia daquilo que cerca o indivíduo em seu meio e/ou habitat.

Como ideia de fotografia, a mesma é captada pelo próprio olhar e, indo mais além, pelos órgãos dos sentidos. Como assim?

A audição, o olfato, o paladar e o tato permitem a captação de sensações incríveis, as quais podem expressar diversos sentimentos, como dores ou alegrias, e muito mais. Assim, tudo isso, uma vez captado, poderá ser materializado numa folha de papel em branco em forma de palavras.

As palavras uma vez compostas tecerão toda a gama de pensamentos que brotam daquelas sugestivas sensações supracitadas. Temos uma crônica.

Portanto, o referido texto permite uma escrita com mais liberdade. Melhor dizendo, livre de métrica, da obrigatoriedade da organização de estrofes, embora possa ser rica de rimas interiores.

Vislumbra-se a poeticidade na prosa. A fotografia concretiza-se na trama do texto. Nesse período de cuidados a fim de evitarmos cair na total quarentena, que possamos deixar nossa marca pessoal fotograficamente através do texto em crônica.

Temos uma grande possibilidade: a coletânea "Crônicas de Quarentena", a qual nos permite eternizar o agora, o ano de 2020, o nosso tempo na história. Escreva crônicas. Não perca o momento.

PROJETOS DA ACADEMIA ARAPIRAQUENSE DE LETRAS E ARTES EM 2020

- LIVES LITERÁRIAS
- ENCONTRO DE ESCRITORES, LEITORES E CONVIDADOS
- CONCURSO DE CONTOS E POESIAS
- FEIRAS DE LIVROS ITINERANTE
- ACADEMIA NA RÁDIO E NA TV
- WORKSHOP DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS
- LANÇAMENTOS DE LIVROS
- EXPOSIÇÕES CULTURAIS E LITERÁRIAS
- CAFÉS LITERÁRIOS
- NOITE DE AUTOGRÁFOS
- IMPLANTAÇÃO DA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES – NÚCLEO ARAPIRACA
- INFORMATIVO ACALA 2020
- POSSE DE NOVOS MEMBROS EFETIVOS, HONORÁRIOS, CORRESPONDENTES E BENEMÉRITOS.
- ENTREGA DA COMENDA DR. JUDÁ FERNANDES
- ENTREGA DE TÍTULOS HONOFIRICOS UBIRANICE CRUZ DA HORA
- ACOMPANHE NOSSOS PROJETOS PELAS REDES SOCIAIS: @acala_ara / www.acala.org.br